

CONVERGÊNCIA

ABRIL — 1969 — ANO II — N.º 13

ONDE ESTÁ O SINAL DE DEUS?



SINAL DE DEUS



A história da salvação é a história da comunicação que Deus faz de si mesmo aos homens. Esta comunicação se processou de maneira lenta e multiforme, progressiva e pedagógica (Heb 1/1), através das etapas milenares da existência do homem sobre a terra. De fato, Deus nunca cessou de manifestar-se aos homens, pois sua vontade de salvação é universal. Esta manifestação tornou-se, porém, plena e definitiva na pessoa de Jesus. A constituição **Dei Verbum** assim nos recorda esta verdade: "Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado como homem aos homens, profere as palavras de Deus e consuma a obra de salvação que o Pai lhe confiou. É pois ele, ao qual quem vê, vê também o Pai (Jo 14/9) que, por toda a sua presença e pela manifestação de si mesmo, por suas palavras e por suas obras e, de maneira especial, por sua morte e ressurreição dentre os mortos, pelo envio do Espírito de verdade, leva a revelação ao seu pleno acabamento e dá a confirmação de um testemunho divino, atestando que o próprio Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna" (n.º 4).

Jesus Cristo é, portanto, o grande sinal, sinal por excelência. Sinal básico e decisivo na manifestação de Deus à humanidade. Sinal, isto é, manifestação sensível de uma realidade invisível. Cristo, na sua humanidade e na sua vida terrestre, revela aos homens o mistério divino. Ele mesmo se identifica plenamente com a doutrina, a vontade, a pessoa do Pai. Ele se apresenta como o dom total de si mesmo a Deus e aos homens. Sua vida foi a maior e a mais completa manifestação de Deus na história da humanidade.

Ele é, dêsse modo, o verdadeiro sinal levantado entre as nações (Isaías 11/12), a luz que revela, orienta e conduz a humanidade para a verdadeira vida. E a Igreja só é sinal como

reflexo dessa luz. É um sinal subordinado: "A claridade do Cristo resplandece sobre a face da Igreja que é, em Cristo, sacramento (ou sinal) e meio para estabelecer a íntima união com Deus e a unidade entre os homens" (*Lumén Gentium*). A Igreja é, pois, sinal em referência ao Cristo e na medida em que se esforça por imitar e reproduzir o foco que a ilumina. Grande responsabilidade para uma sociedade composta de membros humanos, sujeitos às imperfeições e ao pecado!

Não podendo aceder ao Cristo histórico (pela distância no tempo ou pela incapacidade da maioria em captar as provas históricas), os homens devem vê-lo na vida dos que se dizem cristãos, e na comunidade que o reclama para si. Entretanto, o Cristo que em seu tempo foi um "sinal de contradição", continua a ser para muitos o mesmo enigma. E a Igreja, com maior razão, participa da natureza ambivalente do sinal — revelação para alguns e pedra de escândalo para outros. Hoje, mais do que nunca, a Igreja é submetida a objeções, a questionamentos, a contestações. Alguns denunciam a dogmatização de sua mensagem, outros, o endurecimento de suas estruturas, outros, o ritualismo de seu culto. A Igreja deixará de ser um obstáculo, na medida em que irradiar a pura luz do Evangelho e demonstrar em seus membros e, em seu organismo essencial, a vitalidade que Cristo quer comunicar-lhe. Para isso ela tem a assistência do Espírito, cuja ação em sua vida concreta é um sinal permanente da presença de Deus na humanidade.

Na medida em que viverem do Espírito, do amor de Deus e dos irmãos, os seguidores do Cristo serão sinais de Deus no mundo, em meio àqueles que ainda não foram plenamente esclarecidos e ainda não participam completamente da vida divina. Hoje como outrora, é só mediante a vivência da caridade que os chamados pagãos podem reconhecer a Deus nas comunidades cristãs.

Os religiosos serão sinais de Deus procurando viver a perfeição espiritual ensinada pelo Cristo. "O religioso é o cristão presente no mundo, que opta livremente por imitar a perfeição do ato redentor de Jesus Cristo, no estilo concreto de sua vida histórica", superando as ambivalências que as realidades terrestres poderão apresentar-lhe na sua consagração a Deus e ao serviço do Reino. Eis algumas das reflexões apresentadas aos nossos leitores, neste número, por teólogos e mestres de verdadeira espiritualidade.



CRISTO - SINAL DE DEUS

Na ceia judaica, num dado momento o cacula perguntava pelo sentido daquela refeição. Em resposta, o pai de família narrava todos os acontecimentos que haviam concretizado a libertação do povo de Deus e a entrada na Terra prometida. E quando repartia o pão entre os comensais, exclamava: "Este é o pão da miséria que comeram nossos pais no Egito". Ao realizar com seus discípulos esta ceia comemorativa, Jesus modificou o rito tradicional e, em vez de dizer "este é o pão da miséria", disse "isto é o meu corpo". Assim, o pão que lembrava aos hebreus o tempo dos sofrimentos, foi transformado em Cristo, sinal de Deus. E Cristo é o sinal de Deus para todos os homens, porque é o Filho de Deus que se fez homem. E como homem morreu e ressuscitou.



SINAL

Sinal é uma palavra que aparece fartamente nos documentos conciliares. Por outro lado, a missão da Igreja no mundo consiste, principalmente, em interpretar o sinal dos tempos. Ora, a riqueza tóda deste ensinamento só se manifestará à luz do evangelho, o qual apresenta a missão de Jesus, de modo particular, na sua morte e ressurreição, como o sinal por excelência dado às gerações humanas.

Jesus insere-se na história, no interior de uma geração que busca a justiça. Essa é o encontro com a vontade de Deus que quer comunicar-se com os homens a fim de salvá-los ou de levá-los à comunhão de sua vida, e à comunhão com os outros homens. É o que mostra, por exemplo, o texto de Lucas (12,54 ss): os homens sabem discernir os sinais dos tempos e, no entanto, não sabem discernir o que é justo. Jesus, então, se dá como o sinal. Ele mostrará o caminho para a justiça e dará a possibilidade de realizá-la. E isso ele faz como enviado de Deus.

Jesus é, pois, o sinal definitivo. E Ele mesmo se revela como o sinal que manifesta a vontade de Deus, o dom do reino e da vida. Assim como o profeta Jonas, por sua missão e pregação, foi um sinal de conversão para os habitantes da antiga cidade de Nínive, do mesmo modo é Jesus; por sua missão e palavra é ele o sinal de conversão ou de encontro dos homens com a vontade de Deus que quer comunicar-se e realizar a comunhão definitiva no amor. É ainda o que diz o texto de Lucas (11,29

ss) ao comparar a missão de Jesus à do profeta Jonas.

O autor do evangelho de Mateus, ao editar na sua perspectiva essa comparação da missão de Jesus com o sinal de Jonas, mostra que é por sua morte e ressurreição que Jesus será plenamente sinal e, superior a Salomão, manifestar-se-á ao mesmo tempo como a **sabedoria**, como o **servo de Deus** (Is 53) e como o **filho do homem**, o juiz escatológico anunciado por Daniel (7, 1 ss). A dimensão completa do sinal em Mateus (12, 38-42) deve, pois, ser compreendida à luz do ensinamento atual de Mateus (11-12), porquanto aí é que se manifesta a questão definitiva sobre Jesus e apresenta-se o verdadeiro motivo da fé que exige a conversão, ou seja, a mudança radical na orientação da vida humana.

II

A DIMENSÃO DO SINAL

A forma atual de Mateus (11-12) é uma espécie de síntese que visa mostrar a dimensão total da missão de Jesus como sinal definitivo. Estes capítulos, ao apresentarem a crítica da ambigüidade do messianismo popular, e a crítica dos valores religiosos do judaísmo, tal como era vivido principalmente pelos fariseus, anunciam Jesus como a manifestação da realidade divina absoluta que exige, igualmente, por parte dos homens, uma resposta e uma aceitação definitivas. A forma catequética destes

capítulos assim aparece na sua disposição didática:

1. A questão definitiva:
Mateus 11, 1-15

negativa-
mente: Mateus,
11, 16-24

2. A resposta dos homens

negativa-
mente: Mateus,
11, 25-30

3. Jesus é o Messias:
Mateus, 12, 1-21

positiva-
mente: Mateus,
12, 22-45

4. A resposta dos homens

positiva-
mente: Mateus,
12, 46-50

A questão de João Batista é definitiva. Definitiva também é a resposta de Jesus. Mas seu sentido só é perceptível pela fé (Mt 11, 6). Jesus responde apresentando o verdadeiro motivo da fé.

Ele anuncia um messianismo temporal de libertação dos homens e de evangelização dos humildes. Mas, de per si, esse messianismo necessário e sinal da vinda do reino, não é a realidade definitiva. Tal messianismo é apenas um começo para se chegar ao verdadeiro motivo da fé que é o próprio Jesus no seu relacionamento com o Pai e

com os homens: Jesus é o fundamento da conversão e da salvação (Mt 11, 25-30). Tal é a dimensão vertical e transcendente do sinal.

Contudo, Jesus apresenta-se como aquele que traz a salvação para os homens na sua vivência histórica: ele é o messias. E a fim de manifestá-lo, critica um certo tipo de vivência religiosa que concentra o sentido da existência nas observâncias e práticas sacrais. Critica um motivo de fé que seria a realização positiva de certos valores. O motivo da fé é a palavra de Deus que exige o amor, fundamento e sentido de toda a realidade humana (Mt 12, 1-8). E Jesus se mostra com tal autoridade porque é por um ato seu que ele salvará os homens: ele, por sua obediência e amor de **servo** fará definitivamente o dom de Deus a todos os homens. Tal é a dimensão horizontal e imanente do sinal (Mt 12, 15-21). Somente assim é que poderá se constituir a comunhão dos homens. Esta comunhão que tem como ponto de partida a possibilidade de um amor que está justamente na realização da vontade de Deus (Mt 12, 46-50).

III

SINAL E REALIDADE

Ao reeditar nestas perspectivas o ensinamento sobre o sinal de Jonas (Mt 12, 40), o evangelista mostra que Jesus é sinal em sua morte e ressurreição. Toda sua vida de **servo** converge para a morte que culminará



na vitória da ressurreição ou na manifestação do **filho do homem** que é o juiz escatológico. E é igualmente na morte e ressurreição que Jesus será um sinal manifestando-se como a **sabedoria** maior do que Salomão e capaz de atrair a si todos os homens. Jesus é, pois, sinal de conversão enquanto é a **sabedoria**, e ele o é na sua morte e ressurreição. **Sabedoria, servo, filho do homem** são aspectos da densidade de seu mistério pessoal e de sua missão que manifesta e conduz para a realidade definitiva da salvação.

Jesus é sinal enquanto é a **sabedoria**. Deve-se notar que Mateus (11-12) tem a preocupação de afirmar que Jesus é a **sabedoria**. Já Mateus (11, 19) salienta o tema da **sabedoria**; e Mateus (11, 17) é provavelmente uma alusão a Provérbios (29, 9) com a intenção de identificar a Jesus como a **sabedoria pessoal**, o sábio por antonomásia, que discute com os pecadores que recusam seu ensinamento e sua revelação. E, além do mais, Mateus (11, 25 ss) mostra que Jesus é a **sabedoria** que revela a intimidade de Deus e comunica a salvação aos homens. Ele aparece então como a **sabe-**

doria divina que é revelação e comunicação da **vida** aos homens (cf Prov 8, 12 ss; 9, 1 ss).¹ Jesus **sabedoria** é a revelação e comunicação da realidade, da **vida**. Ele é a **sabedoria** que é a **imagem** de Deus pela qual os homens podem chegar e viver na realidade definitiva. Jesus é sinal enquanto **palavra** de Deus: sua função é revelar o Pai através de sua própria pessoa e missão. Tal é a dimensão vertical e transcendente do sinal de conversão — Jesus se dá como o verdadeiro motivo de fé porque pessoalmente é a imagem que conduz à realidade da comunhão com a vida do Pai. Contudo, ele assim se manifesta como **sabedoria**, como **imagem**, realizando a figura concreta do **servo** obediente a fim de chegar à transfiguração de **filho do homem** em sua ressurreição.

A figura de Jesus como **servo** manifesta a dimensão imanente de sua missão: a possibilidade da comunhão dos homens entre si e dos homens com Deus. Sua missão de **servo** possibilita a vida do reino de Deus: é a presença da transcendência na iminência da história dos homens. Jesus é **servo** no seu ato de amor. É na sua morte por obediência, na entrega de sua vida que ele se torna o laço de união entre os homens e Deus. É na figura do **servo** que ele mesmo se transfigura, atingindo a glória da vida de ressuscitado, tornando-se o fundamento real da união e da comunicação entre os homens (Mt 12, 18-20), de modo a ser, então, o objeto das aspirações e esperança dos povos.

Tal figura se manifesta como **filho do homem**, ou seja, como a realidade da mediação que efetivamente torna o reino de Deus presente na vida dos homens. Jesus é o **filho do homem** desde seu ministério terrestre. Mas, em plenitude, ele o é em sua ressurreição. A ressurreição é o momento em que Jesus realiza todo o significado do antigo sinal de Jonas. E ele mesmo é plenamente sinal: mediante o ato de sua ressurreição, revela a realidade da comunhão no amor, e a ela conduz. Ele é sinal num ato de vida, o ato paradoxal da ressurreição, mistério da vida que nasce da morte. Pois é no ato de morrer, no ato de amor, nessa comunicação e realização plena de sua vida de **servo**, que está o fundamento de seu ato de vida como **filho do homem** e como **sabedoria** que vive no seio do Pai.

A ressurreição e, por conseguinte, o sinal para todos os tempos enquanto é a realização do amor de Deus e a realização do amor do **homem** Jesus, **filho**,

palavra. Ela é manifestação e comunicação da vida. É sinal de conversão que provoca mudança no mais íntimo do coração humano e que, em sua realidade última, é perceptível somente pela fé. Dêsse modo, ao se tentar uma teologia da densidade objetiva da ressurreição, da transfiguração do **servo** em **filho do homem**, dever-se-á sempre guardar a descrição de um São Paulo (1 Cor 15, 44); e sempre afirmar a ressurreição como o fato no qual Jesus de Nazaré aparece como o **novo Adão**, o **homem imagem de Deus**, o **homem** que comunica a vida aos homens (1 Cor 15, 45 ss).

E refletindo sobre a dimensão toda do mistério da ressurreição — ressurreição sinal — poder-se-á compreender que a vida cristã no tempo, no seu testemunho junto aos homens, é como que a síntese de uma dimensão vertical e horizontal, transcendente e imanente: Jesus **sinal**, **sabedoria** absoluta de Deus e **messias** que salva os homens, é exigência de conversão e de transformação do momento e das situações presentes, em vista da consumação futura. E, portanto, o testemunho cristão aparece como um indicativo e um imperativo de busca, de manifestação e realização da **justiça** a fim de construir a comunhão dos homens no amor (Mt 12, 46-50).

Frei Gilberto Gorgulho, op

1. Cf A. Feuillet, *Le Discurs sur le pain de vie* (Foi Vivante), Desclée de Brouwer, Paris, 1967, pp 53-87

Nem a vida religiosa é cristianismo de primeira classe, nem a vida cristã é cristianismo de segunda classe, porque sempre Jesus Cristo exige um amor absoluto.

A CONDIÇÃO DA VIDA



Hoje, o desejo de renovação trouxe à luz uma visão mais nítida do essencial. Em consequência, multiplicaram-se os questionamentos. Muitas respostas foram dadas. Algumas, válidas. Outras, necessitando ainda de uma confrontação com a realidade.

A realidade está aí. Muita coisa permanece como pergunta. São problemas muitas vezes angustiantes. São aspectos novos, inesperados. São dados de uma questão que talvez não possamos resolver com o simples apêlo ao que se fazia antigamente.

A condição do homem é a de caminhante. E, para quem caminha, a novidade é uma coisa normal. O que não é normal é andar para trás ou parar de vez. Para preencher esta condição cristã de caminhante, é necessário ter a coragem de pôr os pés num chão que não foi pisado. A fé não é uma repetição pura e simples de coisas antigas. É também uma força para frente.

Pensando nisso, CONVERGÊNCIA entrou em contato com frei Gilberto Gorgulho, Diretor de Estudos no Convento dos Dominicanos de São Paulo, e procurou levar até ele algumas perguntas que tocam de perto nossos leitores.

■ Nesta fase de questionamento e de busca por que passa a Igreja hoje, como define o Sr. a vida religiosa?

A vida religiosa nasce de uma opção livre, de um ato fundamental de liberdade humana em resposta a um apêlo divino. É um processo de personalização nas esferas fundamentais da existência e no encontro com o outro. É um desejo de perfeição: ser homem e ser homem perfeito. Ser também cristão: procurar ser perfeito no caminho proposto e vivido pelo Cristo. O religioso procura imitar Jesus Cristo na perfeição de um ato de amor que salva. E tal busca o leva a remover os obstáculos a fim de que a imitação seja concreta e não apenas ideal.

■ Como caracteriza de maneira mais precisa essa opção do religioso?

O religioso acolhe e põe em exercício um dom personalizante. Esta graça, visando um serviço ao próximo, em dado momento histórico e em circunstâncias bem concretas, apresenta-se a ele, homem livre, como

apêlo de Deus. A vida religiosa consiste radicalmente em imitar Jesus Cristo no próprio estilo de sua vida humana histórica: virgem, pobre e obediente. Ela se realiza, em geral, dentro de um grupo espiritualmente afim (carisma particular), aqui e agora, tendo como objetivo a missão mesma do Reino de Deus.

■ Pode êsse Reino de Deus abstrair-se do serviço ao próximo?

O serviço do próximo origina-se de um amor transbordante. Decorre do amor que une o religioso a Deus e ao Cristo. Consiste, fundamentalmente, na implantação e extensão do Reino de Deus anunciado pelo Cristo. Todavia, no plano concreto, o serviço aos homens inscreve-se de maneira multiforme.

■ Como conciliar as exigências do Reino com o que hoje se vem chamando de secularização?

A secularização tem um duplo aspecto. Negativamente, é um processo crítico que atinge a Deus (encarado muitas vezes debaixo de uma transcendência que mais parece indiferença), atinge a linguagem a respeito de Deus e do mundo, atinge a moral que nem sempre levou em conta o papel básico da liberdade, atinge enfim a vivência eclesial. Positivamente, é um processo que descobre e vive os

valores do mundo e a responsabilidade do homem como transformador e sentido do universo (ver *Gaudium et Spes*, § 36).

Assim, levando em conta o que há de real neste duplo aspecto da secularização, a vida cristã deverá ser **presença no mundo** a fim de anunciar a consistência e o sentido das realidades terrestres, e a vida religiosa, **também inserindo-se no mundo**, deverá mostrar a ambigüidade das esferas fundamentais da existência, o que vem a dar um sentido aos votos da vida religiosa como testemunho do Absoluto.

■ Será então que a vida religiosa, nos dias de hoje, tem características diferentes das que teve no passado?

Sim. A história é instrutiva a êsse respeito. A vida religiosa apresentou-se, desde os primórdios até época muito recente, como fuga do mundo, desprezo pelo mundo, afastamento da vida secular. Hoje ela ouve o apêlo do mundo complexo em que vivemos. Procura ser uma presença no mundo, um serviço aos homens. Encontramo-nos atualmente em pleno processo de secularização. Assistimos à passagem de uma cultura antiga para uma cultura nova. Presenciamos a transformação quase radical das idéias, dos comportamentos, das formas de civilização, das estruturas sociais. Alguns falam até de uma **mutação** na história da humanidade. Tudo isso determina um novo estilo

de vida religiosa, uma nova atitude, uma maneira nova de viver e encarnar o Evangelho.

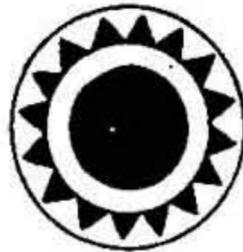
■ Como caracterizar melhor esta nova atitude do cristão e do religioso?

Esta nova atitude é uma inserção no mundo atual. Trata-se de viver os valores do mundo. O homem é quem transforma o universo, imprime-lhe o verdadeiro sentido e lhe explora as virtualidades. Esta inserção cristã se processa em tôdas as esferas: nas relações do homem com a natureza, no mundo do trabalho, da indústria, da arte, em tôdas as atividades humanas. E o religioso, como religioso, ao inserir-se no mundo, coloca em evidência as ambigüidades do mundo: ambigüidades da posse, do ter, das riquezas; ambigüidade da complementação humana; ambigüidade da realização pessoal.

A vida religiosa caracteriza-se por uma visão realista do mundo à luz da fé. Em presença dos bens dêste mundo, o voto de pobreza constitui-se em adesão a Deus, Senhor de tudo. Em presença da complementação humana e, particularmente, do pansexualismo contemporâneo, o celibato é o testemunho do absoluto de Deus. Não é frustração. É estímulo de caridade. Seu motivo é transcendente. Visa uma disponibilidade maior ao serviço do próximo. Em presença da realização puramente pessoal, a obediência constitui-

se em uma abertura para a realização do bem comum, para a implantação do Reino de Deus. Constitui-se em uma disposição concreta da vida para o serviço ao próximo.

A fidelidade aos valores do reino de Deus comanda a inserção do religioso no mundo. Ele deve empenhar-se totalmente no serviço desse reino, e anunciá-lo aos irmãos, ajudando-os a nele ingressarem. É, por conseguinte, um serviço de amor, cuja densidade regula o peso mesmo de seu esforço religioso. É uma inserção no mundo **aqui e agora**, em circunstâncias determinadas do tempo e do espaço. Não é uma promoção vaga, platônica ou ideal. É um serviço concreto que se estabelece na esfera das relações interpessoais, na dimensão cristã da **koinonia** (comunhão de amor), em obediência ao carisma, que deve ser atualizado, isto é, visualizado e exercido em consonância com o momento em que vivemos. Assim se manifesta a ação do Espírito na história.



RENOVE SUA
ASSINATURA
E FAÇA DE OUTRA
UM PRESENTE



CONVERGÊNCIA

UMA REVISTA DE
HOJE QUE DESEJA
SER UM PONTO DE
ENCONTRO, UM
ELO DE LIGAÇÃO
EM CRISTO



RECONSIDERANDO

A SECULARIZAÇÃO

A literatura que já apareceu em português sobre a secularização nem sempre conseguiu oferecer toda luz que se esperava. Embora mencionando alguns dos trabalhos publicados, não pretendemos providenciar uma resenha completa. Almejamos outro tipo de subsídio: um quadro de referência que ajude o leitor a avaliar por si mesmo o que leu ou vai ouvir sobre o assunto.

O que é a secularização

A apreciação que se faz sobre a secularização depende da definição que se lhe propõe. Mas, por sua vez, a diversidade das conceituações não vem só da complexidade do fenômeno. Expressa também as divergências de avaliação e reação. Moyses C. de Aguiar Neto, por exemplo, manifesta seu acolhimento por esta simples apresentação: "A secularização significa basicamente a libertação do homem de todos os ídolos que o têm escravizado" (referências em apêndice). Contudo, este irmão presbiteriano percebe o perigo de a secularização se tornar "um novo ídolo", através do que se chama o **secularismo**.

Para evitar a opção subjetiva que esconde facilmente uma definição prévia, preferimos apontar desde o começo a complexidade do movimento de secularização. No índice analítico do livro de Michel Schooyans sobre a matéria, nem sequer encontramos a palavra **seculari-**

zação, o que podemos interpretar como sinal de que o fenômeno constitui uma dimensão de todos os atuais problemas da Igreja.

Uma primeira distinção parece-nos, contudo, indispensável para esclarecer a problemática:

1.º A secularização refere-se a um **fenômeno cultural**, a uma transformação da sociedade, de seu equilíbrio, de seus valores — é um aspecto incontestável, observável, provavelmente irreversível;

2.º A secularização designa também um **movimento ideológico** ou, mais exatamente, uma série de posições teóricas que variam de autor a autor, mas todos do mesmo espírito; um movimento que até certo ponto anima inconscientemente o processo cultural. Este processo e a ideologia que o radicaliza, podemos distingui-los dando uma reinterpretação global do que será amanhã o cristianismo.

Unindo o processo e sua ideologia, podemos ainda distinguir vários tipos de secularização segundo o objeto afetado. Embora haja normalmente uma interdependência entre as várias frentes da operação, esclarecer-se-ia a literatura a respeito, se houvesse uma distinção melhor de qual é, na perspectiva de cada autor, o objeto privilegiado da transformação. Com efeito, pode-se tratar principalmente da:

— secularização das **instituições dependentes da Igreja** (escolas, universidades, hospitais, obras assistenciais...) como expressão de maior integração na-



Francisco Hubert

Lepargneur, op



DEUS EM CRISTO ACEITOU DE-

cional e do fortalecimento do governo a cargo do bem comum;
— secularização da **própria Igreja**, no culto (redução do culto, abandono dos sacramentos, para não falar das peregrinações, romarias, devoções populares ou de crenças alheias à sensibilidade atual: anjos, inferno...) ou na ação no mundo (profanação);

— secularização do **sacerdócio ministerial** — não raramente os sacerdotes rejeitam assumir seu papel tradicional e pretendem assimilar-se sociologicamente aos leigos;

— secularização da **mentalidade**, da cultura, do simbolismo, da linguagem (questão da demitização) — esta é outra pista rica para o estudo dos problemas ligados às concepções de Deus, do sagrado (dessacralização), da teologia, da liturgia, do relacionamento da Igreja com o mundo etc.

Este simples quadro dos enfoques mostra tanto a complexidade do problema, como a possibilidade e a necessidade de se lhe reconhecerem estruturas; caso contrário, fazem-se generalizações a partir de pormenores e impede-se um tratamento científico do assunto. Por isso, não se deve necessariamente esperar uma teologia da secularidade, a não ser no sentido de uma reflexão pastoral. A secularização da cultura corresponde a determinada fase do condicionamento do mundo no seio do qual a Igreja deve transmitir sua mensagem. A secularização é para o cristianismo o que indica o título do livro de M. Schooyans: um desafio. Solicita o cristianismo para equilibrar forças cegas:

ora aquelas que impedem a evolução, em nome de um humanismo nominal do passado, ora aquelas que empurram uma evolução destruidora da personalidade humana. A secularização pode, no entanto, ser a oportunidade para se recuperar o sentido escatológico "esquecido por causa do predomínio da tradicional metafísica do ser", como escreve J. Jerkovic, e nos fazer descobrir que "o humanismo cristão é o humanismo da esperança criadora" (op. cit. p. 34-35).

A secularização como fenômeno cultural

O positivo deste aspecto da secularização gira em torno da valorização da pessoa humana e da sua libertação tanto dos ídolos como da magia. Mais solitário, o homem deve sentir-se também mais responsável. A plataforma sociológica desta evolução foi muitas vezes descrita; pode-se resumir em duas palavras-chaves: urbanização e industrialização. Vincula-se, portanto, com a ciência e o universo da eficácia, com a mecanização e a automação, com a criação de um mundo artificial devido aos artifícios do homem, isto é, a seu poder de criação ou construção, a seu poder de transferir para a máquina o trabalho mecânico, até o trabalho do pensamento (computadores). Engendra um universo no qual o anonimato e a grande mobilidade sociais dão a impressão ao

indivíduo de se tornar mais livre, ao passo que na realidade forças inconscientes podem condicioná-lo mais intimamente, manipulá-lo com maior precisão do que antes; tanto na ordem política ou econômica (propaganda, publicidade), como na ordem cultural ou cultural. A racionalização, que orienta tudo para a funcionalidade e decorre da nova promoção da eficácia como valor superior, permitiu de fato o desenvolvimento, como progresso material global, nos países que conhecem esta realidade. Outra dimensão importante da civilização que se vai elaborando assim são as facilidades oriundas da rapidez das comunicações (das pessoas, dos objetos e das idéias), do reino audiovisual e dos outros meios de comunicação de massa (mass-média).

O negativo deste aspecto da evolução secularizante parece-nos consistir na materialização da vida e da concepção da vida, no luxo da classe superior transformado em objetivo imediato de cada um, e no padrão (yankee) erigido em meta coletiva nacional (american way of life). A massificação e a despersonalização constituem subprodutos já perceptíveis de uma evolução que, positivamente liberta o homem de certas necessidades primordiais da vida (não de todas, aí está a questão). Na comunicação social, o divórcio entre a imagem, que condiciona o público através do inconsciente, e o pensamento abstrato elaborado por uma pequena elite, levanta problemas do maior interesse, sobre os quais não podemos nos estender neste resumo. Enfim, a



FINITIVAMENTE O HOMEM

modificação da escala dos valores atinge de cheio tanto a moral privada e social (desforra dos valores de justiça sobre os valores da honestidade puramente individual; erotização do etos e da educação através das mass-média) como os valores ligados ao comportamento religioso (abandono da oração, do recolhimento e dos sacramentos, com a exceção provisória do batismo e do casamento na Igreja, conservados em áreas de tradições cristãs, porque a velocidade da evolução desta estrutura social é mais lenta). O sagrado é progressivamente contestado sob tôdas as suas manifestações tradicionais.

O impacto destes processos é grande não só sobre os indivíduos, mas também sobre as comunidades intermediárias, particularmente sobre a vida familiar, sobre o conceito que se tem da família, sobre as comunidades religiosas. O padrão de comportamento tanto no noivado como no noviciado está em profunda transformação: reclama-se mais liberdade pessoal e maior participação no exercício do poder. Todavia, apesar do risco de cair em abusos, tal exigência não deixa de ter certa base objetiva.

A secularização como ideologia

Convém primeiro reconhecer todo o valor dos esforços que o humanismo desenvolveu para desalienar o ser humano dos constrangimentos físicos e culturais. Todavia, o progresso verificou-se não tanto na melhora

das condições de vida para as massas, mas na consciência já bastante generalizada de um certo ideal humano e social que apareceu no horizonte da cultura, como estando ao alcance da história. Disto resulta que nunca, talvez, o divórcio foi tão grande entre o que se diz e o que se faz, entre as aspirações e as realizações, entre a teoria e a prática. O desenvolvimento técnico e científico, o progresso das cidades, o progresso das comunicações, e a generalização dos métodos educacionais são, por si, conquistas preciosas: nossa teologia e nossa espiritualidade devem contribuir para sua inspiração ou para sua retificação humanística. Entretanto, não há mudança estrutural sem mudança dos valores da cultura, e a atenção cristã, por ser benevolente, não pode deixar de ser também crítica. Construtivamente crítica.

Podemos deixar de lado as reações ideológicas que, diante da secularização, não percebem os verdadeiros problemas, negam as descobertas positivas e orientam suas condenações num saudosismo sem futuro.

As outras elaborações ideológicas sobre a secularização vão de algumas observações tímidas ao radicalismo das teologias chamadas da "morte de Deus" (teologia radical). A discussão central gira em torno do **cristianismo arreligioso** que pretendia salvaguardar uma fé cristã, no combate contra qualquer tipo de religião. Elas definem, por isso, a religião não como relacionamento com Deus, da criatura que se submete a seu Senhor, mas como uma alienação em

CABE AGORA

mitos e ritos que dissolvem, no homem, a capacidade de transformar o mundo, tiram-lhe a responsabilidade na história e fazem dele o sujeito atemorizado da classe clerical ligada aos outros privilegiados da sociedade. As elaborações "cristãs" que pretendem que o cristianismo não é religião apóiam-se sobre conceitos sociológicos da religião que a teologia não tem motivo de aceitar (cf. nosso artigo na REB 1968 - 3).

Sem pretender fazer uma tipologia completa das correntes secularizantes, podemos sugerir alguns pontos de referência para distinguir entre os autores:

■ uma corrente moderada e equilibrada (Newbigin, Marlé) e uma corrente radical que vai à negação do que se chama transcendência (Hamilton, van Buren);

■ alguns conservam evidente fé cristã (Vahanian, Cox), outros parecem tê-la perdido (Hamilton, Altizer);

■ a demitização não é um falso problema que a hermenêutica católica possa ignorar e desprezar por muito tempo, mas seu iniciador Bultmann arruína a fé cristã tirando-lhe sua base de objetividade histórica;

■ o método de abordagem da secularização varia também de um ensaísta a outro — van Buren utilizou a filosofia da linguagem para as Escrituras, Vahanian refletiu sobre o ateísmo na literatura, o método de Harvey Cox é mais sociológico, a abordagem de Róbinson é mais



AO HOMEM NA SUA HISTÓRIA QUE NÃO PÁRA

pastoral, a de Bultmann é mais exegetica e a de Tillich é mais metafísica.

Não há culto para um Deus morto

O sentido da expressão "Deus está morto" não é o mesmo para todos. É constatação sociológica e cultural para Vahanian. É afirmação de profetismo nietzsheniano para Hamilton. É conversão teológica para J. Cardonnel... E para todos eles significa que estamos agora na era pós-cristã da história da humanidade. Para eles, quem morreu não é qualquer Deus, é o Deus da teologia cristã tradicional. De fato, a era pós-cristã iniciou-se para muitos homens inaugurando novo tipo de ateísmo que não quer regressar a um tipo de religião inferior ao cristianismo. Enquanto alguns dizem que o cristianismo não é religião, outros afirmam que é ou era a maior das religiões, o coroamento da era religiosa da humanidade, a religião mais perfeita que se pode conceber: depois dela, não pode haver outra. O cristianismo educou o homem a ser exigente em matéria de religião. O cristianismo é para alguns pensadores a última religião, como para Marx, Hegel era o maior e o último dos filósofos — porquanto depois vem outra era. Nossos contemporâneos de pós-cristianismo (às vezes assimilado à teologia radical da secularização ou da morte de Deus) são aqueles que foram batizados, receberam certa for-

mação cristã e abandonaram a religião cristã como ideologia superada. A catequese — sobretudo dos adolescentes — torna-se muito difícil em várias regiões em processo agudo de secularização: a "formação cristã" encontra a agressividade de um terreno alérgico; depois da fase de um certo silêncio para se obter a pacificação, um certo conhecimento do cristianismo vem a ser, ou virá a ser integrado como elemento da cultura geral: o cristianismo faz parte da história como das fontes da civilização ocidental, aquela que hoje se seculariza. Na cidade secular, o conhecimento do cristianismo (dogmas e ritos) será parte integrante da formação histórica, junto com o conhecimento da cosmologia grega e da mitologia romana. Vários escritos oficiais ou particulares tratando do dever missionário em nossos tempos — ou da dimensão missionária da Igreja — não levam suficientemente em conta este fato da situação pós-cristã. O ateísmo da era secularizada é um ateísmo pós-cristão. A situação de São Paulo era de certo modo mais favorável ao anúncio do querigma evangélico do que a situação dos cristãos atuais que enfrentam o ateísmo daqueles para os quais a "Boa Nova" nem é "boa" nem é "nova".

Quem toma ao pé da letra "Deus está morto" não admite mais o simbolismo litúrgico nem a mediação sacramental: desaparece a Igreja-instituição por falta de objeto. Deus morreu porque vivia só do mal-entendido de uma certa cultura, alienada, que agora desmoronou. Quem conserva Igreja institucional e culto interpreta metafô-

ricamente a expressão ou pretende tão-somente proporcionar nova conceituação de Deus (Róbinon, Tillich, Cardonnel...). Todos pretendem fazer esforço de realismo e de humanismo. Por isso, deixemos fora do âmbito deste artigo o novo tipo de ateísmo que surge com a interpretação estruturalizada do mundo humano.

A secularização como contestação do culto não é de modo algum recente. No seu ótimo livro sobre o culto, traduzido, faz pouco, para o português, o reformado J. J. von Allmen escreve: "Correntes ponderáveis da teologia reformada, observáveis especialmente na Alemanha e na Holanda, não admitem que se fale na necessidade do culto. Isso se deve, sem dúvida alguma, ou a certo receio de que se procure encontrar no próprio culto a sua razão de ser, ou a uma desatenção ao fato da dúplici orientação da Igreja: para o mundo, na evangelização e na diaconia, e para Deus, no influxo da graça, na adoração e na intercessão. Tais escolas de pensamento prefeririam se considerasse tão-somente aquele culto "indireto" que é o serviço ao próximo, numa postura cujo resultado seria atribuir ao culto foros não mais de necessário mas sim, quando muito, de útil". A resposta do eminente teólogo protestante é interessante: deixando de lado os argumentos que o catolicismo invoca sobre o caráter natural da religiosidade e sua fundamentação na ordem da criação, von Allmen menciona estas quatro razões da necessidade do culto: "O culto é necessário:



ACEITAR A DEUS CONCRETAMENTE EM

1.º) por ter sido instituído por Cristo;

2.º) porque é obra do Espírito Santo;

3.º) por ser um dos modos de efetivação da história da salvação;

4.º) porque o Reino de Deus ainda não se manifestou em todo o seu poder."

O culto desaparece seja porque Deus não existe mais, seja porque a plenitude de Deus encheu toda a criação da sua presença e glória. A nosso ver estas duas fundamentações opostas existem na corrente secularizante, embora não possam coexistir no pensamento de determinado autor. O cristianismo secular corresponderia, em alguns, à confusão da história presente, história dos "novos tempos", com a parusia, realização final da escatologia. Moysés C. de Aguiar Netto exprimiu de feliz maneira esta posição: "No Apocalipse encontramos referência ao fato de não existirem templos na Nova Jerusalém, o que se explica pelo caráter transitório e meramente simbólico da instituição eclesial, cujo objeto é conduzir o homem a um relacionamento com Deus, através da experiência comunitária. Escatologicamente, realizadas plenamente as necessidades de contato do homem com o Criador, estando todos reunidos numa grande e exultante multidão diante do Cordeiro, desnecessária se torna a forma instrumental e mediata dessa singular experiência. A compreensão desse interessante aspecto da fé cristã tem levado muitos a uma

extrapolação, que a teologia radical visualiza com impressionante realismo, que torna possível pensar num mundo em que o homem redimido pode dispensar totalmente as formas religiosas de vida. Tais formas religiosas, quando não se constituem na própria negação da realidade da fé pelo seu caráter idolátrico puro, perderiam seu sentido até mesmo enquanto símbolos da realidade da fé, uma vez que esta pode ser experimentada intensamente em situações que não implicam qualquer vínculo com esquemas religiosos de pensamento e de conduta. Assim, o homem secular preocupado com o seu trabalho, com os problemas de sua comunidade, ou ainda mais ambiciosamente, com os problemas da humanidade de seu tempo, envolvido no dia-a-dia da técnica, da máquina, da produção, aberto às reformulações de pensamento a que a realidade o obriga, ajudando a construir um mundo bom para todos, poderia dispensar a meditação bíblica, o culto, a associação a uma comunidade cujo fim específico é a reflexão sobre o significado de tudo o que está acontecendo, dentro de uma perspectiva de fé. A religião seria desnecessária. Poder-se-ia viver sem pensar em Deus e sem jamais se preocupar com qualquer categoria de pensamento e conduta que envolva uma relação com o sobrenatural".

Substitui-se a alienação religiosa por uma alienação anti-religiosa que participa da mesma problemática, da mesma dificuldade em pensar Deus na sua transcendência e não como

rival e dominador arbitrário do homem.

Crise do sacerdote e do religioso. O padre de amanhã

Nos meios religiosos, a secularização se traduz concretamente e de maneira mais sentida por uma crise da consciência sacerdotal ou religiosa. Existe uma evidente continuidade entre a vida religiosa do Povo de Deus em geral e a vida religiosa daqueles que fizeram profissão dos votos. Trata-se aqui de simplesmente situar o problema. Ele é profundo na medida em que depende de todo o contexto de secularização no qual estamos vivendo e que nos afeta sem depender de nós. O reforço de uma barreira artificial seria geralmente um contra-senso. Mas o que se escreve sobre a secularização da Igreja nem sempre respeita uma distinção entre o essencial que não passa e formas contingentes.

"O padre desaparece e não sabe mais quem ele é", diz-se. É certo que enquanto não houver admissão para padres casados, assistiremos a uma diminuição, no mundo em geral e no Brasil particularmente, do número de sacerdotes. Isso, porém, não significa o fim dos sacerdotes, nem a *fortiori* do sacerdócio.

Mas, e a figura do padre? Parece-nos indispensável distinguir, de um lado, sua função eclesial, sua figura teológica na participação do sacerdócio de Cristo — através da mediação episcopal, — e, de outro lado,

CRISTO

seu estatuto social, a maneira sociológica segundo a qual ele se insere na sociedade. Arrasar o primeiro aspecto porque a preocupação com o segundo nos hipnotizou é tão pouco justificável como negar as incertezas a que nos levam as transformações culturais, sob o pretexto de que não mudou o fundamento teológico do sacerdócio, nem a responsabilidade do padre em relação à Palavra e aos sacramentos. A profunda mudança cultural obriga-nos à profunda mudança pastoral, o que não é possível sem reavaliações teológicas. Quem responde à problemática nova da teologia bíblica simplesmente pelos enunciados dos antigos e veneráveis concílios demonstra simplesmente que não entendeu o que se está passando: a questão não é negar estes enunciados mas os relacionar com a cultura no seio da qual surgiram. Cultura que mudou, queiramos ou não. Mas a novidade não suprime a exigência de continuidade (não ousamos dizer para todos os casos o fato da continuidade). Com outras vestes, o padre amanhã existirá ainda; com outras palavras, ele deverá ainda pregar o mesmo Evangelho; com outro ritual, talvez, e melhor relacionamento com as exigências da fé, ele administrará ainda os sacramentos, que — por sua vez — ainda serão sete.

O celibato consagrado não é da essência do sacerdócio, mas é da essência da vida religiosa consagrada. A focalização desta dupla verdade é, afinal, benéfica. As muitas maneiras hoje existentes de servir o mundo e

a Igreja vão contribuir para reduzir o número dos religiosos e das religiosas: essa situação não é dramática, corresponde à nova situação da humanidade. A vida religiosa não vai por isso desaparecer, reservada que será a um pequeno número de testemunhos que deverá achar sua maior eficácia não necessariamente no emprêgo das técnicas mais poderosas da sociedade, mas no fato de significar no relativo da história, no relativo do contexto da vida, o absoluto do sentido da vida. Serão ainda homens de oração, serão ainda homens de Deus, homens e mulheres das bem-aventuranças. Mas eles não dispensarão a necessidade da fé para afirmar: mesmo numa cidade secular, Deus não está morto. A cidade secular nem chegará a ser cidade do homem se não consentir num lugar para Deus, tanto na sua geografia como na sua cultura.

Nas discussões sobre secularização que tantas vezes envolvem as feições futuras das pessoas consagradas, falta muitas vezes uma distinção nítida entre a questão do padre e a questão dos religiosos, como acabamos de expor. Queremos insistir sobre o problema do padre. Em plena fase de transformação, é até surpreendente ver autores profetizarem com segurança, seja o desaparecimento do padre, seja os traços do padre que sobreviverão amanhã. É de se notar também que ninguém mais do que os próprios padres trabalham para secularizar a imagem do padre e, não raramente, para lhe tirar seus atributos tradicionais, mesmo se depois se queixam de que o padre não tem mais papel na sociedade.

Tôda reflexão séria a respeito deve partir da distinção que já fixamos entre a visão teológica do ministério sacerdotal e a visão sociológica do estatuto dos padres na sociedade em transformação. Depois do Vaticano II, reconciliando uma visão cultural do padre (homem da missa e dos sacramentos) e uma visão missionária do padre (homem da Palavra), parece uma mutação notável na conceituação teológica do sacerdócio ministerial. O que está em questão é secundário (embora muito importante para a vivência da função sacerdotal): é o tipo de inserção do padre no mundo, e seu relacionamento na Igreja, com os bispos, de um lado, e com os leigos, de outro.

Incertezas pesam evidentemente sobre este futuro. Toda-

via algumas características podem ser apontadas como uma maior diversificação tanto na formação (teólogo ou pastores, pastores deste ou daquele meio) como no tipo de vida (embora haja nítida tendência para vida em pequenas comunidades, de todos os tipos de padres). Subsistirão padres a serviço da Igreja-instituição (e através dela, da Igreja-Povo de Deus) com tempo integral, mas muitos terão ocupação secular (exigência do melhor relacionamento com um mundo secular e exigência dos recursos para viver). Muitos são de opinião que o diaconato não bastará para solucionar o problema ministerial na América Latina, e que a aparição de padres casados (ordenação de homens já casados) poderá fazer regredir o número de diáconos: solução intermediária, solução de transição. Não há dúvida sobre a mais íntima inserção do padre na sociedade civil, mas como homem e não como sacerdote. Reconhecemos todavia que afirmar ou desejar que o padre esteja "humanamente desenvolvido, desabrochado, equilibrado", "plenamente homem", "perfeitamente integrado na sociedade dos homens" (Schooyans, citando Marcelo Pinto Carvalheira) é um pouco verbal, o problema sendo saber como isso se dará. Mais discutível é apresentá-lo com "as características de um líder natural" (Schooyans, 184): não se pode ao mesmo tempo proclamar a secularidade da cultura, repudiar o clericalismo e a cristandade, e querer ver o padre assumir o papel de um líder natural, numa confusão entre Reino de Deus e sociedade civil.

É certo que o sacerdócio do padre deve ser concebido não só como participação do sacerdócio episcopal, mas também no prolongamento do sacerdócio universal dos fiéis, sendo todos os sacerdócios, evidentemente, participações do sacerdócio de Cristo. O sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio dos fiéis, permite-lhe exercer-se plenamente até o ato eucarístico, momento supremo da expressão sacerdotal terrestre. Nestas condições o ministério sacerdotal dependerá da religiosidade do povo, embora nunca separemos o ato litúrgico de suas implicações na ordem da irradiação social e da construção do mundo. Qual é, então, o futuro da religiosidade brasileira? Eis o desafio da secularização. A resposta, mesmo conjectural, não pode ser simples. De imediato, constatamos sobretudo:

1.º) a purificação da fé, em um número relativamente restrito de fiéis;

2.º) o progressivo afastamento da religião eclesial por parte de outro grupo (a vivência religiosa fora de qualquer Igreja levanta outros problemas de antropologia cultural e de teologia);

3.º) o aviltamento religioso (objetivo, nem sempre subjetivo) dos batizados católicos que passam ao espiritismo e ao movimento pentecostal. No tocante ao espiritismo, nota-se que o Diretório Nacional de Ecumenismo tem razão contra a opinião do Padre Schooyans (p. 84), em não incluir o relacionamento com o espiritismo no movimento ecumênico, embora este relacionamento deva se inspirar também no espírito cristão que norteia o ecumenismo (cf. Frei Kloppenburg, REB 1968-II-404).

Alguns outros problemas nascidos do contexto de secularização

Os excessos da teologia radical não chegam a ocultar a realidade dos vários e difíceis problemas que estão surgindo tanto no plano da teoria como no plano da prática. Em seu esforço para evitar oposições pouco lúcidas à secularização, alguns ensaístas cultivaram um otimismo convencional, escondendo os problemas. Todavia, em última análise, a superficialidade da tática serve mal a seu bom propósito. Nesta linha encontramos a seguinte definição de secularização proposta pelo Padre Olinto Pegoraro: "tentativa de construção de um novo mundo, com novas metas e valores, sob a responsabilidade do homem livre". A seguir, o autor cita três "fundamentos" da secularização:

■ a **historicidade** do homem ninguém a contesta;

■ a **autonomia** do mundo: teria sido interessante sublinhar que a autonomia da cidade temporal é real, mas não absoluta para o cristão, homem religioso;

■ a **relatividade**: é certo que precisamos aprender das ciências atuais a relatividade de toda expressão cultural, mas conservando o sentido do absoluto na perspectiva aberta pelos valores em jogo nas expressões culturais. Teria sido útil notar também que o dilema imanência-

transcendência é um falso dilema, induzido por imagens espaciais (antigas mitologias) que não chegam a substituir uma razoável filosofia destas noções.

A Igreja se beneficia do movimento de secularização quando ela entra numa perspectiva de maior realismo crítico, de maior objetividade histórica, de maior diálogo com o mundo ao qual pertence, de maior solidariedade com os esforços do homem para se libertar de certas alienações do subdesenvolvimento. Entretanto, sérios são os problemas que trouxe a evolução recente à consciência cristã adulta: problemas que, — compreende-se — não são entendidos por todos, mas que a Igreja como conjunto não pode desconhecer por muito tempo sem grande prejuízo. Queremos destacar entre eles:

■ a questão do **simbolismo** e do alcance da linguagem — o relacionamento do relativo da expressão com o absoluto visado, tanto na liturgia como no dogma ou na teologia, e o aprofundamento da **sacramentalidade** sobre a qual se apóia a Igreja;

■ a **reavaliação dos valores**, inclusive éticos, através dos novos canais de informação e educação; a revisão dos papéis na Igreja e no mundo — **estruturas de diálogo** (no interior da Igreja como entre Igreja e mundo), figura do padre de amanhã, papel dos religiosos, dos fiéis...

São problemas sérios, exigindo que haja na Igreja informação aprimorada sobre as problemáticas atuais nas ciências humanas e julgamento crítico para discernir o que tem futuro, o que se pode e deve aceitar, o que se pode e deve rejeitar, para determinar quando é melhor silenciar e esperar, quando é oportuno se pronunciar. Haverá no Vaticano, haverá no âmbito nacional brasileiro, teólogos tecnicamente habilitados a atenderem e a tratarem — de modo sério e não literariamente — tais problemas, oriundos de métodos novos das ciências humanas?

Viver com os homens, participar de sua condição cultural e histórica, saber situar-se com precisão, atual meta que a nova literatura aponta insistentemente e com razão à Igreja, não deve fazer esquecer de fato que a Igreja deve também, precisamente através desta encarnação realista, transmitir uma mensagem, uma revelação, cujo condicionamento não dissolve o absoluto e a necessidade.

CABE AGORA

A constituição **Gaudium et Spes**, de si, já representou uma reorientação da mentalidade cristã no mundo. Uma reorientação da qual o Brasil muito se beneficiou. Contudo, o Vaticano II, para muitos, está se tornando um ponto de chegada intransponível, ao passo que o reajuste que quis abolir ou reduzir um antigo distanciamento eclesial não pode deixar de ser um incentivo para continuar a caminhada na história. Menos preparado para os problemas teóricos, o Brasil cristão deve pelo menos continuar a melhorar sua **práxis** de conscientização social, conforme a perspectiva admiravelmente definida pelo **Simpósio da ASTE sobre Evangelização** (Recife, 1968): "Se a identificação pura e simples do Evangelho com as aspirações sociais dos grupos que emergem para a história, de um lado, seria esvaziar o Evangelho do seu sentido final, normativo e eterno; de outro, opor ou isolar as duas coisas seria negar o valor da história, impregnada de sentido final desde que o **Verbo** se fez carne e o evento do Pentecostes teve lugar e, por conseguinte, trair o conteúdo íntimo do Evangelho: o amor de Deus, vivido plenamente em Jesus Cristo, é amor voltado ao homem concreto constituído de aspirações e frustrações, desejos e temores, sonhos e indignações; é nesse nível que a condescendência de Deus o alcança. Em suma, a esperança cristã vista dentro da realidade do Reino de Deus, contém uma dimensão social importante que não pode ser dissociada de seu cumprimento eterno".

AO HOMEM ACEITAR

Ambigüidade da secularização

O processo atual de secularização não significa, por si mesmo, nem a salvação da Igreja, como queriam alguns otimistas, nem o fim da verdadeira religião, como anunciam outras vozes. Como todo processo histórico, é um movimento ambíguo que reclama análise específica, discernimento crítico, julgamento de valor e, antes do mais, esforço de compreensão. É um movimento que leva alguns para o abandono da religião ou a um aviltamento da prática, outros para uma purificação dos conceitos e a um aprofundamento da fé. Não dispensa ninguém de reflexão, de decisão e, talvez, de sofrer da crise das transições profundas e rápidas: crises pessoais e crises nas comunidades, sofrimento das parturientes, dor que pode ser redentora e criadora.

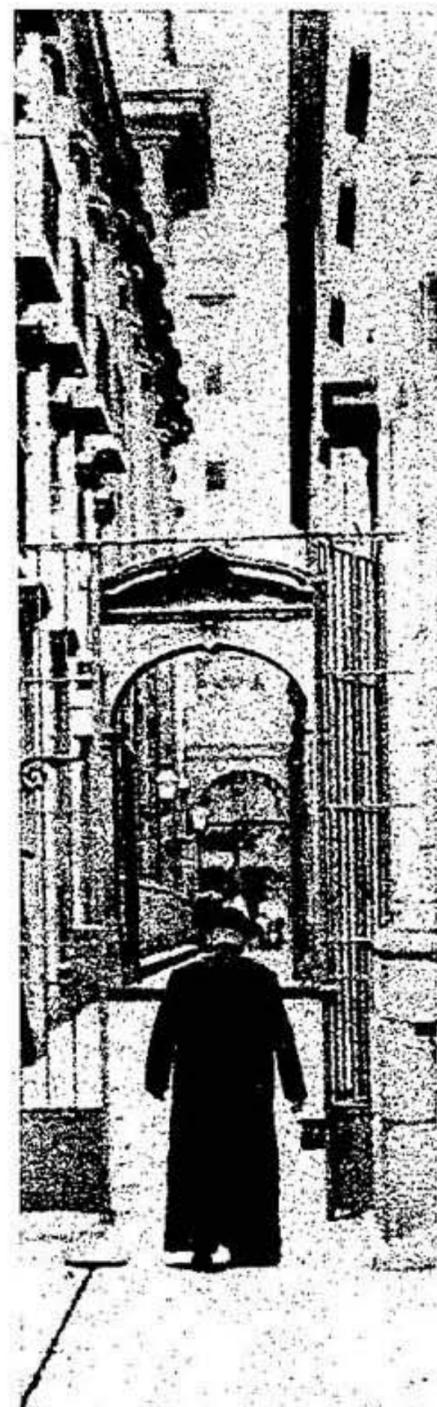
A originalidade dos tempos novos não torna caduca lição alguma aprendida da história. Pelo interesse do texto, pedimos licença para citar a página de um historiador, protestante, deixando o leitor fazer seu próprio comentário, frente a uma época — a nossa — que também conhece uma crise séria da paróquia e pouco entusiasmo do jovem clero pelo celibato obrigatório e pelo sistema pronto da teologia tradicional. O texto refere-se ao contexto da Reforma do século XVI: "A cristandade ocidental não teria perdido sua

unidade se a vida paroquial tivesse guardado seu vigor, sua dignidade e sua disciplina. Porque muitos padres eram ignorantes, porque muitos vigários se faziam substituir por incapazes e famélicos, a vida religiosa dos fiéis foi-se embora ao sabor da corrente. Reconstruir a Igreja significava, pois, necessariamente trazer uma solução ao problema do padre. A doutrina do sacerdócio universal permitiu a supervisão daqueles que seriam especialmente encarregados do culto e da administração dos sacramentos, que esta fiscalização fôsse exercida pelo príncipe (solução luterana) ou por um consistório de anciãos (fórmula reformada). O casamento dos pastores foi recomendado pelos protestantes, porque o número de sacerdotes concubinários era grande no fim da Idade Média. Melhor valia regularizar a situação e viver santamente no estado matrimonial do que vegetar numa situação falsa de perpétua desobediência. O casamento foi um meio para sanear a profissão pastoral, e foi eficaz. Enfim, preocupava-se, nas universidades de Wittenberg e de Iena, em Oxford e Cambridge, nas academias de Genebra, de Sedan, de Montauban e de Saumur, no colégio de Harvard (criado em 1636) etc., em formar pastores instruídos e de bons costumes. Sob o controle mais ou menos direto dos leigos, produziu, em países protestantes, um endireitamento do corpo pastoral.

"A Igreja romana, de seu lado, defrontou-se com o problema do padre. Conhecem-se as soluções:

recusa da doutrina do sacerdócio universal e do casamento dos ministros do culto; revalorização das funções do bispo e do pároco; reforço da disciplina, isto é, do controle interior da Igreja; criação dos seminários. O resultado não foi muito diferente daquele que buscavam os reformadores protestantes. Padres austeros e instruídos espalharam-se nas paróquias e permitiram o aggiornamento católico" Jean Delumeau.

Apesar das notáveis diferenças nas situações, com armas velhas e novas, a Igreja católica romana está se defrontando com crise similar. Mas agora, ela já admite oficialmente o sacerdócio universal dos fiéis e talvez, amanhã admita padres casados ao lado de padres celibatários, se julgar concretamente o padre como instrumento indispensável no pastoreio do Povo de Deus e na missão no mundo. Já revalorizou, também, pelo menos em princípio, a função episcopal e a colegialidade. Já aceitou adaptar o currículo dos seminários. Já desencadeou no Vaticano II uma fase brilhante — embora ainda raramente decisiva — de elaborações teológicas, outrora impedidas pela falta de liberda-



de de expressão. Já está aceitando a contribuição da sociologia para a pastoral, abrindo talvez caminho para a antropologia cultural. Entre outros, são estes os sinais prometedores, embora outros o sejam menos.

Cristianismo e secularização

O que precede estava redigido quando tivemos a oportunidade de ler o notável artigo de Jerônimo Jerkovic sobre **Cristianismo e secularização**. O autor salienta bem que "o desenvolvimento operou uma passagem dum pensamento cosmológico para um pensamento antropológico." A relação com o divino e o sagrado fica perturbada: a natureza se dessacraliza, os homens pretendem governar a história, enquanto olham de ma-



A partir da encarnação do Filho de Deus, a cidade do homem só será cidade de Deus na medida em que fôr a cidade do homem — quando todos os homens, na liberdade de filhos de Deus, vivendo como irmãos, puderem dizer: tudo é nosso, nós somos de Cristo. Cristo é de Deus!

A DEUS CONCRETAMENTE

neira crítica para os elementos da cultura, inclusive as religiões, inclusive o cristianismo. O pragmatismo parece afugentar as ideologias que reaparecem disfarçadamente. Porém, será que o homem não é profundamente o animal que **quer se situar no mundo**, isto é, ultrapassar a adaptação a seu meio imediato (questão da sobrevivência imediata) para se relacionar à totalidade do real, em todas as suas dimensões de tempo, espaço, e eventualmente outras (questão da sobrevivência no absoluto)? Isso não é possível sem ideologia, fé, religião. O conflito é pois latente entre o cristianismo eclesial e a própria secularização (e não só com a anti-religião do **secularismo**), desde que o movimento signifique, para o homem histórico, libertação de toda e qualquer sujeição: "a secularização faz questionar sobretudo a significação da Igreja — dos cristãos — neste mundo que se quer adulto e autônomo".

Que a idéia seja de J. B. Metz ou de J. Jerkovic, deixa-nos reticente a proposição de que "a tarefa do cristianismo não é fazer uma progressiva inclusão do mundo na obra salvífica de Cristo, como se o mundo não passasse de um material para uma liturgia cósmica e como se o cristianismo fôsse essencialmente uma luta contra a "mundanidade" do mundo trazida pelo processo da secularização." Talvez a dificuldade seja mais de linguagem: o que significa "inclusão na obra salvífica", ou "liturgia", ou "mundanidade"? Um velho extrinsecismo jurídico deve, com efeito, ser encaixotado e desaparecer. Mas afinal, o que é essa autonomia do homem que reivindica a secularização? Se se tratar da autonomia na or-

dem temporal, sócio-política, científica, é um progresso incontestável. Tratando-se, porém, da recusa de toda subordinação do a homem um ser superior, nenhuma religião, nem o próprio cristianismo, pode aceitá-la, nem hoje, nem amanhã. Isso deve ser colocado claramente (como o faz J. J.), para evitar oposições inúteis, mas também comprometimentos duvidosos. Cristianismo é amor, é serviço, é liberdade adulta, mas é também **subordinação do homem a Deus**, e talvez aqui esteja o ponto nevrálgico. Podemos mudar o nome de Deus, podemos trocar as imagens que encerram sua conceituação: de qualquer maneira Deus existe, e Deus está além de nossa imaginação, acima de nossa conceituação. É o que os cristãos que nos precederam chamavam de **transcendência** de Deus. Deus não é prisioneiro de uma cultura humana. Deus não é prisioneiro do espírito humano. Nem há evolução cultural que o faça morrer no seu existir eterno.

Entretanto, aceitando ao mesmo tempo a autonomia da **ordem temporal e a subordinação ontológica do homem**, não podemos deixar de reparar — em vista da unidade do ser humano — que a segunda colocação repercute inevitavelmente sobre a primeira. A sociedade, a ciência, a cultura, têm suas leis próprias, mas, **através do homem e de sua consciência**, relacionam-se de algum modo com Deus. A tarefa do cristianismo é **fazer entrar consciente e livremente a humanidade na órbita da salvação operada por Cristo**: maneira de falar, sem dúvida, mas ainda válida. Não vamos pedir a realização desta tarefa à secularização em si; devemos continuá-la

EM CRISTO

num contexto de secularização. "Deus em Cristo aceitou definitivamente o mundo." Cabe agora à humanidade, em Cristo, aceitar progressivamente — isto é, historicamente — Deus. O que acontece, aconteceu — a salvação; o que aconteceu, acontecerá amanhã graças a nossos esforços. "O encontro do homem criado com o Deus incriado é evento que se realiza na história", através do mistério pascal, mistério de dor e de morte, de ressurreição e de fé.

Finalizando, fazemos nossas as lúcidas e corajosas reflexões pastorais que J. Jerkovic tira, à luz da teologia da secularização, sobre a situação subdesenvolvida da América Latina e de sua Igreja. Na realidade não há nada de realmente novo nestas reflexões, mas elas vão de encontro a muitos preconceitos para serem facilmente aceitas por todos.

Obras citadas no texto

Allmen, von J.J. — **O culto cristão. Teologia e prática**, trad. ASTE, São Paulo, 1968.

Altizer, J.J. e Hamilton, W. — **A morte de Deus**, trad. Paz e Terra, Rio, 1968.

Bishop, J. — **Les théologiens de la mort de Dieu**, Ed. du Cerf, Paris, 1967.

Buren, van — **The Secular Meaning of the Gospel**, New York, 1963.

Cardonnel, J. — **Dieu est mort en Jésus Christ**, Ed. de l'Epi, Paris, 1968.

Carvalho, Marcelo Pinto — **O tipo de padre que a Igreja espera após o Concílio Vaticano II**, na REB 26 (1966) 529-551.

Cox, H. — **A cidade do homem**, trad. Paz e Terra, Rio, 1968.

Delumeau, J. — **Naissance et affirmation de la Réforme**, P.U.F., Paris, 1965, p. 371.

Jerkovic, J. — **Cristianismo e marxismo do século XX**, em VOZES, jan. 1968, 22-45; (e para nosso n.º VIII: **Cristianismo e secularização**, em VOZES, dez., 1968, 1059-1087).

Marlé, R. — **Le christianisme à l'épreuve de la secularisation**, em Études, janv. 1968, 62-80.

Netto, M. C. de Aguiar — **A vivência do secular**, em Cristianismo, órgão evangélico ecumênico, março-junho 1968, 7-8.

Newbiging, L. — **Religião para um mundo secular**, trad. Paz e Terra, Rio, 1967.

Pegoraro, O. — **Secularização**, em Convergência, março 1968 (I), n.º 2.

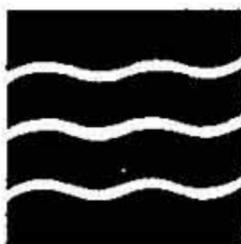
Robinson, J. — **Um Deus diferente**, trad. Paz e Terra, Rio, 1967.

Schooyans, M. — **O desafio da secularização**, ed. Herder, São Paulo, 1968.

Vahanian, G. — **The Death of God**, New York, 1961.



AS SANDÁLIAS DO PESCADOR: PORQUE NÃO / PORQUE SIM



POR QUE NÃO.

Minha intenção aqui tem sido sempre fazer conhecer os grandes cineastas e seus grandes filmes, deixando de lado os cineastas menores, mesmo quando seus filmes alcancem uma bilheteria notável no mundo inteiro. Escrevendo agora sobre um filme como "As sandálias do pescador", faço uma exceção.

Se meu critério fôsse falar do cinema que dá dinheiro, talvez tivesse que falar de filmes como os de Mazarodi, que são verdadeiros maus-xaropes. Repetidas vezes, perguntaram-me por que a crítica especializada não gostou de "As sandálias do pescador", salvo um ou outro crítico (Fernando Ferreira, de O Globo, por exemplo).

Não vou resumir as críticas, mas, dizer porque não gostei do filme.

O cineasta

Michael Anderson é o cineasta inglês de filmes espetaculares. É um nôvo Cecil Blount de Mille. Toda a vida filmou os livros **best-sellers** do mercado

mundial: "Labaredas do inferno" (The dambusters), do escritor Paul Brickill, de parceria com o **wing-commander** Gibson que dirigiu a operação de arrasamento das represas de Ruhr, na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial; o clássico "A volta ao mundo em oitenta dias", de Jules Verne; "1984", de Orwell; "A morte não manda aviso" (The Killer memorandum), de Adam Hall, adaptado por Harold Pinter; e agora, "As sandálias do pescador", de Morris West.

apenas um ilustrador mais ou menos hábil de livros bem aceitos, é chegar perto da verdade. Por vezes, não falta um desenho mais vigoroso de uma ou de outra cena. Em geral, porém, usa grandes intérpretes do teatro, que são elementos extra-cinematográficos.

O enredo

Kiril Lakota é o antigo bispo de Lvov na Rússia, sôlto de um campo de trabalhos forçados na Sibéria. Deve a sua libertação às especulações políticas do

primeiro-ministro K a m e r e v, preocupado com a ameaça de uma guerra atômica. A fome grassa na China, porque as nações capitalistas fazem o bloqueio. Não resta outra coisa à China senão invadir os países produtores de arroz no sueste da Ásia. Kamenev conta com a influência do papa nos países ocidentais. O papa Kiril quer ajudar os chineses, porque somos todos irmãos. Dêsse modo, subindo ao trono de São Pedro, depõe a tiara e renuncia a todas as propriedades da Igreja a fim de comprar alimentos para os países que passam fome. Entretanto, visitando sua paróquia que é Roma, encontra o judeu doente e a doutora Bárbara numa grave crise conjugal. Encontra ainda o padre Telemond (que representa Teilhard de Chardin) a quem o papa, quando cardeal, havia protegido e que agora morre em seus braços.

O tratamento

Eis o que Michael Anderson nos apresenta, jogando no mesmo saco o fausto bizantino do

Vaticano, um papa que é uma espécie de cruzamento do papa Pio XII e de João XXIII (a inteligência e o coração), o Kremlin e seu sistema policial, os comunistas chineses, o terceiro mundo, o caso Teilhard de Chardin x Cúria romana, mulheres decotadas e brigadas com os maridos. O cineasta fez a embalagem em côres espetaculares, em formato de 70 m/m, com cenários grandiosos, artificiais e reais (usou na montagem jornais cinematográficos da eleição e da coroação de Paulo VI) e, como música, escolheu um coral bolchevista de 1917, para dar o tom russo. Assim Cecil B. de Mille fazia seus filmes religiosos que agradavam a católicos, protestantes, judeus e ateus.

Destaca-se apenas, de maneira exemplar, a interpretação dos atores. Sem favor algum, constituem uma trinca dos reis do teatro: Anthony Quinn, Vittorio de Sica, Lawrence Olivier, John Gielgud, Leo McKern e Oscar Werner. Um por um, são ótimos atores teatrais, que evitaram todo o exótico, o tom solene, apresentando-se como seres humanos com toda naturalidade. Mas foram mal empregados, falando cinematograficamente, em conversas longas e primeiros planos longos e fixos, parecendo slides. Não podem salvar o filme que se arrasta num ritmo penoso durante quase 3 horas.

O escritor e o cineasta

Morris West é autor de muitos livros: **O advogado do diabo**, **A filha do silêncio**, **As sandálias do pescador**, e outros. Esses três, no mundo inteiro, foram vendidíssimos. Em todos, Morris West introduz representantes da Igreja católica. Não se lhe pode negar uma certa intuição pelos sinais do tempo, pelo que-poderia-acontecer-um-dia nesta Igreja de após-concílio. Contudo, ele não vai além desta intuição e se parece a um velho médico de família. Toma o pulso do tempo, mas se recusa a torcê-lo numa determinada direção, pela crítica construtiva ou demolidora. Antes de tudo é um ingênuo. Acredita na fábula da venda dos tesouros da Igreja pelo papa russo Kiril Lakota. E acredita, apesar de esses tesouros não serem do papa, nem da Igreja católica. Apesar de serem um patrimônio que pertence à humanidade e cuja conservação o Vaticano carrega nas costas. Um patrimônio que não tem preço.

Que não pode ser vendido. E que, mesmo podendo, só tornaria os ricos mais ricos; os museus, mais abarrotados; e não passaria de uma gota de água na chapa incandescente das misérias da China ou da Índia, para não falar no Terceiro Mundo.

Enquanto a Índia não comer suas vacas sagradas e cultivar cada nesga de terra, enquanto os chineses não plantarem arroz até nos telhados, os tesouros do Vaticano, de modo algum, resolverão o problema. O gesto do papa Kiril é muito bonito, mas não passa de um idealismo romântico, o mesmo de Morris West, que parece efetivo dentro da atmosfera do filme, mas que não se enquadra no contexto histórico em que vivemos.

Por tudo isso, não gosto do filme.

Guido Logger

POR QUE NÃO GOSTAR DAS SANDÁLIAS?

A. Se concordamos com Edgar Morin, quando afirma ser preciso apreciar o cinema comercial, gostar de introduzir uma moeda no juke-box, seguir uma partida de futebol pela TV, cantarolar o último sucesso, então, devemos nos colocar ao lado da **mass-média** e compreender **As Sandálias do Pescador**.

B. É claro que a **crítica cultivada** — a chamada **intelligentzia** — não perdoará um pecado mortal desses e se levantará contra os que defendem um espetáculo clerical supercolorido como o do irregular Michael Anderson.

C. Filme feito sob medida para o público de domingo-à-tarde, o romance de Morris West — **best-seller** em toda a parte — chegou às telas debilitado, concordo. As idéias contidas no livro de West desenvolvidas em linguagem açucarada perderam em parte a sua solidez pelo tom espetacular que lhes deram Anderson & Cia.: a dimensão do romance esvaziou-se bastante resultando um filme acomodado, à la Hollywood.



D. Mas, creio que atrás da demagogia do filme ficou algo de positivo: a mensagem. Mensagem? Sim, a de uma Igreja despojada de suas riquezas materiais, dê seus bens temporais, abrindo mão de seus compromissos comprometedores em função de um testemunho segundo Cristo.

E. Um ponto a destacar: a **performance** do irreverente Anthony Quinn (o papa Kiril) e do atormentado Oskar Werner (o padre Telemond), que se defrontam com brio e brilho. A sobriedade e dignidade de Telemond — revivendo os dramas de Teilhard de Chardin — correspondem o humor e **savoir-vivre** de um Kiril. Evidentemente, a simpatia do público vai para o padre, pois ele encarna uma causa justa — a da luta contra a verdade codificada e intolerante —, apesar da justiça da causa não contar muito nos esquemas de Hollywood.

F. O filme começa vibrante, enchendo a tela de sons e côres, para depois cair em lugares-comuns e clichês empoeirados. Mas, apesar de tudo isso, o filme continua fazendo sucesso junto ao grande público; os funcionários públicos ou empregadas domésticas estão longe de entender as elucubrações da **intelligentzia**. Por que, afinal, ficar contra eles?

José Wolf

Um esforço autêntico de renovação não pára na mudança de hábito. O hábito não faz o monge. A renovação exige disponibilidade à Palavra de Deus na História. Exige desinstalação. Portanto, não é de admirar o desagrado natural que atinge as pessoas quando a renovação, deixando para trás os primeiros momentos de euforia, entra em cheio nisso que chamaríamos de ÊXODO — o abandono de uma situação que já não funciona mais e se tornou entrave para a vida. No desejo de pôr em comum mais alguns esforços realizados na linha da renovação, CONVERGÊNCIA resolveu trazer aqui a EXPERIÊNCIA dos Salesianos: o seu REDIMENSIONAMENTO, esta guinada corajosa.

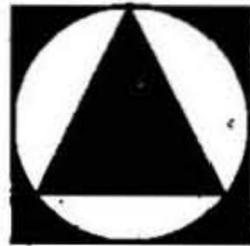
O que e o por quê: a motivação

Hoje, é sim ou não. Não há outra alternativa: ou apertamos o passo, ou nos deparamos espantados no reboque da História. É uma marcha inexorável, em ritmo incessantemente acelerado. Exigindo esforços redobrados de quem pretenda influir na sua direção. É o quinhão de quem quer ser pessoa. É o pão-nosso-de-cada-dia de todo o organismo que descobriu que construir a História é construir o Reino de Deus.

A Congregação Salesiana, como toda a Igreja, não tem por onde fugir a este apelo de Deus. Já o seu XIX Capítulo Geral, ordinário, realizado em 1965, sofrera a benéfica e surpreendente influência do Concílio Vaticano II, então em curso. E determinou uma revisão geral de toda a atuação dos salesianos: o **redimensionamento**.

Uma guinada; cortem-se os ramos secos, mas não a videira: são as expressões de P. Ricceri, nosso Reitor-Mor. E, glosando o Geral dos Jesuítas: como se fôssemos fundar novamente cada província.

A medida em que tentávamos enfrentar lealmente o **redimensionamento**, íamos percebendo que era ilusório encará-lo como um Ato ou um Decreto, quase um passe de mágica. Ele é um esforço contínuo, é uma análise constante, é uma criatividade sempre ativa, é uma disposição de ânimo, é desinstalação, é pobreza, é disponibilidade humilde e progressiva à Palavra de Deus na História. É um processo, não é um ato; não é um plano; é um planejamento.



EXPERIÊNCIA

**dos
SALESIANOS**

**COMO SE FÔSSEMOS
FUNDAR NOVAMENTE
CADA PROVÍNCIA**

E, agora, vamos já vislumbrando no redimensionamento a madrugada da grande alvorada que deverá ser o Capítulo Geral Especial, marcado para 1971 (a prorrogação de prazo foi em consideração ao XIX Capítulo Geral, que já procurara assimilar as grandes diretrizes do Vaticano II).

O onde: a situação

A Inspeção São João Bosco, província salesiana com sede em Belo Horizonte, abrange os Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. São 22 casas, responsáveis por 18 colégios, 14 paróquias, 1 faculdade e 3 patronatos. Conta atualmente com 164 padres, 52 irmãos coadjutores e 66 estudantes já salesianos.

O pessoal salesiano é bastante novo, sem excetuar o atual inspetor, P. Décio Teixeira (a média das idades é de 35 anos). A formação foi em geral satisfatória, conquanto bastante conservadora. Nota-se uma incipiente insatisfação com toda a situação vigente, e desejo indefinido de mudança. Estimulado também por alguns encontros de atualização; entre os quais salientamos uma revisão de nossa Pastoral Juvenil, realizada no início de 1967 por todos os salesianos, em turmas sucessivas. Resaltamos, no pessoal, uma leal vontade de acertar.

A palavra de ordem do **redimensionamento** encontrou, portanto, na Inspeção São João Bosco um campo bastante propício, embora desgastado aqui e ali por alguma desconfiança ou desilusão.

O como: as etapas

O passo inicial foi a distribuição, no 1.º semestre de 1967, de dois tipos de questionários, vindos da Itália: um tipo a ser respondido individualmente pelos salesianos, e o outro a ser preenchido coletivamente pela equipe de cada casa. Tais questionários sofreram alguma adaptação para a Inspeção São João Bosco, e no 1.º semestre de 1967 foram levados pessoalmente a cada casa pelo inspetor acompanhado de três auxiliares. Ótima correspondência: 96% dos salesianos enviaram suas respostas, no 2.º semestre de 1967.

O segundo passo foi a nomeação de uma Comissão de Redimensionamento, de composição propositadamente heterogênea: quanto à idade, atividades, mentalidade etc. Nove salesianos, sendo oito padres e um irmão coadjutor. Percorreram durante as férias do início de 1968 todas as casas da Inspeção São João Bosco, fazendo um relatório das visitas, e anexando propostas para a renovação. Com a abertura do ano letivo, a comissão se dispersou. E o processo de **redimensionamento** entrou em recesso,

Tal recesso foi devido também à realização do I Encontro Latino-Americano de Inspectores Salesianos, em Caracas. Pois a preparação da tese central estava a cargo da Inspeção São João Bosco: valeu a pena o esforço.

Somente em julho retomaram-se os trabalhos do **redimensionamento**. Foi nomeada uma nova comissão, que na realidade se identificava com a já existente Equipe de Pastoral da

Inspeção: sete membros, sendo três totalmente liberados.

Sua primeira atividade foi enfrentar a interpretação dos primeiros questionários, paralisada inclusive devido às tantas falhas de elaboração que então foram despontando. Tal interpretação constituiu a **auto-radiografia confidencial**, um retrato bem minucioso de todas as nossas obras, conforme a visão dos salesianos expressa nos questionários. Foi distribuída a cada um; seja pelo conteúdo, seja pelo inédito da iniciativa, produziu benéfico impacto nos salesianos.

O que facilitou o passo seguinte: cada casa foi visitada por um membro da 2.ª comissão. Este debateu demoradamente com toda a comunidade local, a auto-radiografia e o relatório da 1.ª comissão. O debate seguiu um roteiro pré-estabelecido, fornecendo farto material para um levantamento completo de cada casa, e sugestões para resoluções.

Além disso, foram elaboradas mais três modalidades diversas de questionários a serem preenchidos pelos alunos, pelos pais e pelos professores, numa amostragem bem representativa. Não ocorresse nos baseássemos apenas em nossa visão, forçosamente unilateral.

O essencial, porém, são as pessoas, e não as obras. Obviamente estava tudo fadado ao fracasso, enquanto não fôsse focalizado prioritariamente o pessoal. Neste sentido, cada salesiano foi convidado a preencher um **curriculum vitae** ou ficha pessoal, abrangendo sua formação e atividades, visando por assim dizer o fóro externo. E ainda, para uso exclusivo do

provincial, distribuiu-se a cada salesiano uma **auto-avaliação**; nesta se abordam problemas mais íntimos, como as impressões pessoais de cada um sobre sua comunidade e a amizade, sobre a vida religiosa e suas atividades, quais suas aspirações, e inclusive um sociograma. Tal **auto-avaliação**, naturalmente é de caráter facultativo.

Estas duas iniciativas visavam uma melhor qualificação e distribuição do pessoal, e uma melhor composição das várias comunidades. No mesmo sentido, cada salesiano teve oportunidade também de entrevistas pessoais com o provincial e com um salesiano psicólogo; vários pediram e já realizaram testes de personalidade.

Neste item de pessoal, é preciso notar que, no fim de 1967 e depois, realizaram-se várias **dinâmicas de grupo**, com bastante êxito na liberação da personalidade e no entrosamento dos salesianos. E, no referente à formação pedagógica, cerca de trinta padres têm frequentado um curso intensivo de Orientação Educacional, em várias etapas, promovido pela nossa Faculdade Dom Bosco.

Voltemos à 2.ª Comissão de Redimensionamento. Recolhera-se um copioso material, fornecido pelos vários tipos de questionários, entrevistas, visitas **in loco**, debates em cada casa. Tudo foi estudado individualmente pelos membros da comissão, sofreu uma elaboração preliminar, e serviu de base a longas e estafantes discussões de toda a comissão: foram 18 dias consecutivos em horário integral.

Daí resultou o **Anteprojeto de Redimensionamento**. Um 1.º volume é o Plano Geral: levantamento da realidade social e da situação de toda a Inspeção São João Bosco; e resoluções relativas aos objetivos específicos, pessoal salesiano e leigo, construções, organização, atuação, e sobretudo a influência social. Seguiu-se o seguinte esquema: o pessoal capacitado, mediante instrumental apto (construções e organização), atuará eficientemente na realidade social, para levá-la, através de objetivos específicos, ao objetivo final.

O 2.º volume são os Programas Especiais: Formação de Pessoal, Qualificação do Pessoal, Promoção do Menor Abandonado, Pastoral de Adultos e Paróquias, Meios de Comunicação Social, Aspecto Escolar, Organização Administrativo-Financeira, e Acompanhamento e Revisão.

Os volumes 4.º e 5.º são os Planos Locais, referentes a cada casa. Tal anteprojeto, num total de quase 400 páginas, foi apresentado ao Conselho Provincial, para estudo individual e coletivo, juntamente com a Comissão de Redimensionamento. Após algumas modificações foi totalmente mimeografado.

No início deste ano, reuniu-se uma Assembléia Especial de Redimensionamento, composta pelos diretores de cada casa, por delegados eleitos, e pelos membros das duas comissões: um total de sessenta salesianos. Durante oito dias inteiros estudaram em comissões e em plenário o anteprojeto. Este foi globalmente aprovado, recebendo entretanto numerosas emendas. O ambiente chegou a surpreender: grande liberdade, espontaneidade, participação, fraternidade, co-responsabilidade; evidenciando um já notável grau de maturidade coletiva.

Com os retoques finais, tal anteprojeto será em breve enviado a Turim, sede do Conselho Superior da Congregação, para receber a aprovação final.

E começa então a fase principal: a execução gradativa do plano, e conseqüente acompanhamento e revisão. O **redimensionamento** que não é um ato, mas é um processo contínuo e ininterrupto, uma mentalidade de desinstalação e disponibilidade. É agora a fase nevrálgica, decisiva, o dia D do **redimensionamento**, e certamente portanto de toda a Inspeção de São João Bosco.

Diante disso, é que foi programado para julho deste ano uma semana de encontro para todos os 280 salesianos da Inspe-

ção São João Bosco. Tentamos assim uma nova modalidade de Retiro Espiritual: um esforço de **encontro** com os irmãos, com a vocação, com a história, com Deus. Praza aos céus seja um encontro de descoberta, de conversão.

Os resultados

As grandezas em jogo no **redimensionamento** são dificilmente mensuráveis. Tentamos elencar sumariamente algumas, já sensíveis, conquanto incipientes:

- crescimento gradativo de uma mentalidade de "redimensionamento", de planejamento e revisão constantes
- uma conseqüente atitude de transitividade crítica, que conferirá maior autenticidade ao trabalho e à vivência da vocação
- uma crescente consciência comunitária e provincial, com conseqüente redução do individualismo
- a distinção já bastante nítida, ao menos conceitualmente, entre "equipe de trabalho" e "comunidade de vida", entre "linha de serviço" e "linha de sinal"; talvez esteja aqui o ponto-chave da renovação da vida religiosa nesta época de secularização
- interesse individual crescente e efetivo pela atualização e qualificação pessoal
- maior abertura na formação do pessoal, e principalmente uma dilatação da profissão re-

ligiosa para idade mais madura

- maior sensibilidade para a realidade social; maior relêvo ao trabalho de promoção humana, principalmente do menor abandonado; incluindo-se aqui a alfabetização de adultos
- a reorganização administrativo-financeira da Inspeção São João Bosco, feita por uma firma especializada
- valorização do trabalho dos leigos, e maior sensibilidade à pastoral de conjunto
- fechamento de um ou outro colégio
- a definição de critérios de opção, tais como: eficácia, exemplaridade, viabilidade, adaptabilidade, urgência, gradualidade pedagógica na execução etc.

Concluindo: um apêlo

Esta a exposição de nosso modesto esforço: o óbulo da viúva colocado no gasofilácio da renovação da vida religiosa no Brasil.

E é também um apêlo à solidariedade e à franqueza do benévolo leitor: pedindo nos enviem suas observações e sugestões sobre a atuação dos salesianos em geral (Inspeção São João Bosco, Caixa Postal 1178, Belo Horizonte). Ser-nos-ão preciosas nesta etapa de preparação ao Capítulo Geral. Ficamos fraternalmente gratos.

O Coordenador de
Pastoral da ISJB

aquí falam nossos leitores

UM PADRE

Leio, com grande proveito, desde o primeiro número, CONVERGÊNCIA. Sempre mais e melhor. Ótimo corpo redacional. Atualizada, com boa apresentação técnica. Preguei retiro a Religiosas: valeu-me sobremaneira, no n.º 9-10, o editorial "Oração, gestos perdidos?". Sem ser sensacionalista, situa-se bem no contexto da espiritualidade, hoje! Continuem com a seção cinematográfica. Parabéns a Guido Logger pelo magistral comentário sobre "2001, uma odisséia no espaço".

Cleto Caliman

Pároco do Vicariato suburbano do Rio de Janeiro - GB

CONTINUEM

No momento não temos melhores sugestões. Achamos excelentes todos os artigos que têm saído em CONVERGÊNCIA. Parabéns! Continuem assim.

Comunidade **Divino Rei**
Colatina - Espírito Santo

INTERESSADO

Estou interessado em conhecer maiores detalhes sobre as **Comunidades Integrantes**, das quais fala o n.º 11 da revista CONVERGÊNCIA.¹

Luis Tenderini s.j.
Teresina - Piauí

ORIENTAÇÃO

Continuar. A revista oriente-se mais a fermentar os jovens do que a converter os "maduros", os velhos.

Frei Lucas M. Zuilio ofm
Santo André - São Paulo

MAS AINDA

Para o melhor há sempre lugar e sei que a Direção se preocupa com isso. Portanto, a revista CONVERGÊNCIA, no ano de 1969, procurará melhorar ainda mais.

União das ex-alunas salesianas — Campo Grande
- Mato Grosso

PADRES NO TRABALHO

Parabéns pela renovação da nossa revista. Trabalho magnífico, digno de uma entidade como a CRB, orgulho da Igreja no Brasil. Apresentação agradável, conteúdo bom, fotografias simpáticas, em uma palavra: a revista que fazia falta e que merece grande difusão em todos os meios... Pode esperar em breve algumas assinaturas.

José Maria de Man
Coronel Fabriciano - Minas Gerais.

1. Quanto antes possível, o Sr. receberá as informações pedidas.

ESTANTE DE LIVROS

UMA IGREJA EM DISCUSSÃO

Autor: Urbano Zilles. Coleção: Sinais do tempo. Editora VOZES, 1969, 112 pp.

O rápido avanço do pensamento teológico em nossos dias, faz com que seja difícil transmitir ao leitor médio o resultado das reflexões dos teólogos sobre os problemas que interessam vitalmente aos cristãos. Além do problema da distância entre teólogos e público, existe um problema de linguagem, de que o próprio concílio, que se pretendia pastoral, não escapou. Todas essas dificuldades somadas tornam ingrata e precária a tarefa de fazer divulgação de questões ideológicas. Mais, dificultam a simples comunicação e o diálogo sobre os desafios que são feitos à nossa fé.

No entanto, tem que se dizer algo a inúmeras pessoas às quais chegam as interrogações que a discussão suscita, mas não chegam as respostas ou pelo menos indicações que possibilitem tirar conclusões pessoais.

Urbano Zilles o faz com honestidade e clareza. Particularmente felizes são as crônicas sobre regulação da natalidade, cristianismo por opção e as reflexões sobre o cristão e a técnica.

Veza por outra, vale para suas reflexões o que em **Cristianismo por opção** o autor diz: "O processo de adaptação incorporativa, isto é, da aceitação do homem em toda a sua dimensão histórico-terrena, ainda está no comêço" (p. 55). Seria de desejar, por parte do autor, maior ênfase integrativa na visão do papel do leigo na Igreja, do sacerdote no meio do povo, da própria Igreja no mundo.

No que respeita ao desenvolvimento, é quase de concessão o tom em que afirma que "a caridade de Cristo nos obriga a levar a cultura, também, ao interior dos países em vias de desenvolvimento, aos pobres" (p. 60).

Reconhecemos a dificuldade que representa hoje fazer divulgação teológica; mas reconhecemos igualmente o mérito de tentar fazê-la.

E. A. CABRAL

A LÓGICA DA FÉ

Autor: Henri Bouillard. Editora HERDER, São Paulo, 1968.

A **Lógica da Fé** não tem a pretensão de ser um tratado teológico ou filosófico. Mas, como salienta o autor, uma coletânea de estudos de filosofia religiosa, de apologética cristã, analisando em profundidade e acessibilidade alguns dos grandes problemas que o homem de hoje se colaca e que lhe dificultam uma compreensão fundamentada da fé cristã. Uma mesma idéia domina toda a obra: "deixar ressaltada a secreta correspondência entre a lógica da existência humana e o apêlo do mistério cristão", para evidenciar a estrutura inteligível do movimento que leva à fé cristã, através de uma apologética que não se identifica com uma defesa da religião, mas que consiste na elaboração da lógica do movimento que conduz à aceitação do acontecimento cristão.

Todo esse processo é analisado à luz das teses de pensadores e teólogos tão diferentes quanto Kierkegaard, Rudolf Bultmann,



Karl Barth, Gabriel Marcel e Maurice Blondel. O autor procura extrair deles aquilo que a fé tem como decisão existencial pelo Cristo que toma a iniciativa de nos amar, encarnando-se na lógica da existência humana. A resposta do homem a esta iniciativa de Cristo em nos amar deve ser uma atitude profundamente existencial de ver e viver a mensagem evangélica como dando significação concreta à vida do homem.

Não há dúvida de que este livro, pela atualidade de seus temas, pela preocupação de procurar a verdade da fé, pela abertura ao diálogo franco com cristãos e não-cristãos, por não dar respostas-feitas e dogmáticas aos questionamentos do homem de hoje, prestará enormes serviços e material de reflexão àqueles que se sentem chamados a dar testemunho do Evangelho no mundo de hoje e, ao mesmo tempo, levará os não-cristãos a perceberem a significação histórica do cristianismo como o acontecimento radical de Deus que revela o homem a si mesmo em Jesus Cristo.

HÍLTON FERREIRA
JAPIASSU

DIALOGO COM OS ATEUS

Autor: Michel Lelong. Editora: DUAS CIDADES, São Paulo, 1968.

Hoje, mais do que nunca, enraíza-se no coração dos cristãos o desejo do diálogo. Não mais em torno de uma "instituição", mas em torno da verdade. É o que pretende mostrar o livro de nosso autor, tão sensível aos questionamentos do ateísmo

contemporâneo. Seria ele o único responsável pela crise religiosa que se instalou no mundo atual? O autor mostra as tensões existentes entre a fé em Deus e a fé no homem. E como o diálogo é a energia do encontro, a força de superação das tensões e a convergência para todos os que buscam a verdade, o amor, a justiça e a paz.

O autor apresenta os limites da descrença, ao mesmo tempo que vê no reconhecimento feito pelos cristãos e pelos ateus, dos limites e da força de suas afirmações, a condição para um diálogo sincero e eficaz. E leva o leitor, de um lado, à desmitização da fé em Deus, do outro, à desmitização da fé no homem. Mostra que a fé em Deus não é uma simples sobrevivência do passado. Se assim fôsse, o ateísmo acabaria por se impor a todos. Ao contrário, convida os cristãos a sacudirem seu torpor muitas vezes favorecido por tradições religiosas seculares e a mergulharem, de corpo inteiro, na surpreendente corrente de verdadeira renovação espiritual que se processa hoje.

Uma das grandes interrogações que nosso autor responde: seria a negação de Deus apenas uma doença passageira, da qual a humanidade se restabeleceria um dia? O ateísmo é visto, menos como o negador da existência de Deus, do que como constatador de sua insignificância histórica. Situa-se além do problema de Deus. Mais como ponto de partida do que como ponto de chegada. É vivido como uma esperança e um esforço em libertar o homem da fome, da guerra, da injustiça, lutando contra o subdesenvolvimento espiritual das massas que vivem uma fé degenerada em conformismo ou em superstição. Con-

tudo, o interesse que se tem hoje pelo que diz respeito à promoção do homem, constata nosso autor, não significa necessariamente a negação definitiva da fé tradicional. A maioria dos homens de hoje organiza sua vida como se apenas o homem existisse. Não chega a fazer uma profissão explícita e consciente de ateísmo. O testemunho do cristão deve constituir para o ateu um incessante apelo à procura de um sentido último, na afirmação do mundo e do homem. O cristão de hoje sabe que o ateísmo o ajudou a redescobrir o homem. Mas sabe, também, que a perfeição, a significação e a verdadeira liberdade do homem estão em Deus, no Deus vivo e sempre atual.

HÍLTON FERREIRA
JAPIASSU

O TERCEIRO MUNDO NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Original francês LE TIERS-MONDE DANS LA POLITIQUE INTERNATIONALE, de Robert Bosc, professor de Sociologia das Relações Internacionais no Instituto Católico de Paris. No Brasil, editado pela VOZES, de Petrópolis, 1968, 87 pp. em tradução de Aluísio Darcy de Menezes.

A partir de uma rápida análise sócio-histórica das revoluções do Terceiro Mundo e do surgimento de inúmeras nações jovens no cenário político internacional, com a conseqüente alteração do jogo político, o autor levanta uma série de questões, que analisa ao longo da obra. Trata-se de uma situação tran-



sitória esta força política dos países do Terceiro Mundo, ou é antes o início de um processo de democratização universal? Que contribuição trazem estas novas presenças na Organização das Nações Unidas? Que perspectivas se abrem para a comunidade internacional?

Segundo o autor, a presença do Terceiro Mundo na ONU leva à formulação de um direito internacional pluralista. A coexistência de pequenos países, ao lado de grandes potências, incomparavelmente superiores econômica e militarmente, e contudo em pé de igualdade política, introduz uma transformação profunda no direito internacional, abrindo caminho a um verdadeiro **direito de desigualdade**. Outra contribuição do Terceiro Mundo é a possibilidade de um direito de cooperação muito mais fecundo que o de simples coexistência. Ao lado do domínio das relações de poder entre estados, e de convenções internacionais — expressões do direito de coexistência — há o das relações de interesses entre estados e organizações internacionais: é o direito da cooperação e da integração. A seu ver, “só a distinção entre direito de coexistência e direito de cooperação permite transpor os obstáculos postos pelas divergências ideológicas que separam a humanidade, e pelo temor mútuo por elas engendrado, e responder aos problemas apresentados pela extensão horizontal do direito internacional que, criado outrora no Ocidente e para proveito exclusivo seu, deve hoje em dia regulamentar as relações entre todas as entidades políticas existentes sobre a terra” (p. 48).

Está em prática, igualmente, uma nova concepção do poder.

Os novos estados, embora militar e economicamente inferiores às grandes potências, dispõem de um poder político efetivo que praticamente anula ou neutraliza os privilégios dos grandes. O processo de ascensão dos povos do Terceiro Mundo é acompanhado de um fenômeno que o autor chama de **desmistificação do poder**. “O sistema internacional contemporâneo é caracterizado pelo “não-alinhamento”, quer dizer, pela recusa dos estados que não dispõem do poder no sentido habitual (econômico e militar) de submeter-se a uma hegemonia e pela **possibilidade política** de tal recusa. Para darmos conta de um tal sistema de relações, a teoria do poder (power-model) deve ser completada por uma “teoria da comunicação”. (p. 79).

Assim sendo, o mundo tem hoje, mais do que nunca, oportunidade de democratização universal. No entanto, adverte o autor, “é preciso render-se à evidência: nos países ricos, o desenvolvimento mundial não interessará senão um pugilo de bravos, generosos e um tanto excitados, na avidez de serviço exótico. Para passar ao nível de racionalidade exigido no sentido de um desenvolvimento harmônico e integrado da economia mundial, é mister mais: de uma parte, que os novos estados tomem em mãos as decisões de seu autodesenvolvimento; de outra, que as potências industriais vejam que seu interesse a longo prazo passa doravante por uma planificação em escala mundial” (p. 54). É preciso chegar a essa fase de racionalidade “cujo instrumento privilegiado não será o livre mercado, mas a planificação, quer dizer, um conjunto de decisões para o desenvolvimento harmônico” (p. 55). Do ponto de vista político,

intimamente ligado com os problemas de ordem econômica, os países do Terceiro Mundo precisam de elaborar uma doutrina de desenvolvimento político original e independente em face aos modelos atualmente oferecidos e mesmo impostos pelas superpotências, e dar extrema importância à cultura política dos cidadãos, em vista de uma participação consciente e sadia na comunidade política internacional.

“Não acabamos de medir as conseqüências das revoluções do Terceiro Mundo: travessia duma nova etapa na integração da economia nacional, primeiro passo para uma democratização política da sociedade internacional, renovação de ideologias chegadas a termo de inspiração, invento de técnicas sociológicas de participação capazes de fazer as nações superarem o temor e reduzir os perigos de guerra; finalmente, através da subida dos pobres e seu desafio de fraternidade, descoberta, quicá, de uma moral política autêntica, que não seja um código dourado externamente, mas uma exigência de ser interior de alguma maneira dentro do movimento da história humana, uma moral “que não seja mais política em via de conseqüência, mas por natureza”; trata-se com efeito de aprender a coexistir, não de obrigar o outro a um falso universalismo” (p. 83).

A contribuição fundamental do Terceiro Mundo, todavia, será o apêlo e desafio à fraternidade. Para o autor, as revoluções anteriores — liberais ou socialistas — puseram em prática duas das palavras de ordem da Revolução Francesa: liberdade e igualdade. Aos povos do mundo subdesenvolvido estaria reservada a tarefa de vivenciar o ideal de fraternidade, esqueci-

do pelos outros e fortemente afirmado pelos chefes desses novos estados. Pode ser um tanto forçado o paralelismo, mas não deixa de ser uma sedutora visão.

O livro em aprêço é denso e valioso pelas pistas de reflexão que abre e pelos desafios que lança aos que estão realmente interessados em buscar soluções para os problemas dos países subdesenvolvidos. Pena que a apresentação não realce seu valor e a tradução deixe às vezes na penumbra o pensamento do autor.

E. A. CABRAL

A Fé para adultos — Editora HERDER, São Paulo, 1969 — 612 pp.

Depois de uma longa espera, causada pelas controvérsias surgidas a seu respeito, a Editora Herder acaba de lançar a tradução portuguesa da edição original do **Nôvo Catecismo Holandês**.

Não precisamos mais enumerar as "qualidades invulgares" de que fala a comissão cardinalícia, que elogia a índole pastoral, litúrgica e bíblica da obra. Os autores se esforçaram por apresentar a **boa-nova** de Cristo de modo adaptado à mentalidade dos homens de nosso tempo. Uma declaração do Cardeal Rossi explica esta publicação e um oportuno prefácio de Monseñor Dr. Roberto Mascarenhas Roxo comenta o parecer da comissão cardinalícia. "A leitura atenta desta introdução ajudará os fiéis a desfazerem possíveis equívocos", como diz o Cardeal. Com razão Mons. Roxo lembra que "a comissão cardinalícia não acusa o catecismo de here-

sia e erros", mas apresenta um elenco dos pontos que necessitam de esclarecimentos.

A Editora Herder está de parabéns com o lançamento corajoso e oportuno de uma obra apta a abrir horizontes para o homem de hoje, desejoso de fé adulta, engajada e dinâmica, que é ao mesmo tempo procura e certeza.

F. P. TELLEGEN

Nova coleção da Editora VOZES:

1. **Grandes Enigmas da Humanidade** — Roberto Pereira de Andrade e Luís Carlos Lisboa
2. **A Automação e o Futuro do Homem** — Rose Marie Muraro

Grande acontecimento no campo editorial brasileiro é o lançamento pela Editora VOZES de uma coleção (a primeira no Brasil) sobre temas de **Prospec-tiva**, a ciência da previsão do futuro. O título **PRESENÇA DO FUTURO** define bem a finalidade e importância desta coleção. "Iluminar o futuro é a melhor maneira de viver o presente". A **Prospec-tiva** ou **Futurologia**, que abrange também a **Cibernética** e a **Ciência da Automação**, era até poucos anos uma ciência desconhecida. Marshall Mac Luhan e Norbert Wiener foram os seus pioneiros. Macgowan, Ordway, Gaston Berger e Jean Fourastié são os seus melhores divulgadores. A coordenadora desta coleção, Rose Marie Muraro, bem como os autores de **Grandes Enigmas da Humanidade**, utilizam inteligentemente estes autores estrangeiros, anunciando mesmo a tradução de algumas de suas obras.

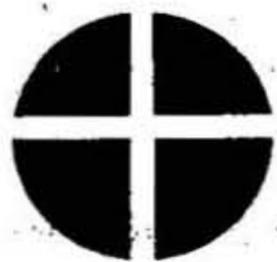
RENOVAÇÃO: VOLTA ÀS FONTES E PROSPECTIVA

"À LUZ DO
CONCÍLIO VATICANO II
E DA REALIDADE
LATINO-AMERICANA"



Pedidos à
sede da
CRB:

Av. Rio Branco, 123
10.º andar - (GB)



IGREJA NO MUNDO

PASTORAL DE CONJUNTO NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

**coordenação
e informação**

**transporte
e comunicação**

**problemas de
pessoal**

“A arquidiocese metropolitana de Manaus e as quinze prelaças de que se compõe a Igreja na Amazônia Ocidental uniram forças para definir problemas comuns e para fixar as linhas básicas que devem orientar o trabalho pastoral da Igreja na região. Neste processo chegaram a um certo acôrdo quanto aos principais meios requeridos.

Estão prontos para agir em conjunto”.

Assim o episcopado da região resumiu o que até agora já foi conseguido. Reunindo-se regularmente e trabalhando em conjunto durante dois anos, bispos,

padres, religiosos e leigos fizeram um esforço sério de mútuo entendimento visando atingir uma visão ampla dos problemas regionais e dos caminhos de solução.

Assim, procuraram em primeiro lugar **definir seus problemas** dentro do panorama característico: uma Igreja que se desenvolve numa região em desenvolvimento, Igreja a serviço de uma população rarefeita em áreas enormes e de difícil acesso (cêrca de 1 292 000 habitantes dispersos numa área de 2 190 182 km²). Viram que êsses problemas podem ser enquadrados em três categorias:

Geral: problemas de coordenação e integração

Meios: problemas de transporte e comunicação

Pessoal: problemas não só de carência mas de preparação e adaptação.

Coordenação e integração

Os problemas de âmbito geral situam-se no plano da coordenação e da integração dos esforços. Todos os que trabalham na Amazônia já sentiram os efeitos prejudiciais do isolamento em que sempre atuaram e as dificuldades que isso acarretou para a tarefa de evangelização. Tornaram-se também conscientes de que os problemas que enfrentam superam a competência, a capacidade e os recursos minguados de cada prelazia isolada. Todos esses fatores apontaram a **coordenação** como o único caminho capaz de resolver as dificuldades e, portanto, como problema prioritário, sobretudo quando se torna cada vez mais clara a necessidade desta união para relações mais eficazes com outras entidades que também atuam no desenvolvimento da região.

A **integração** é uma outra forma de coordenação de esforços — é o trabalho feito juntamente com as outras entidades postas a serviço do bem comum do homem e da região.

Numa sociedade em desenvolvimento, todos os bispos e seus colaboradores sentiram a necessidade, expressa neste esforço de integração, de a Igreja ser a primeira a dar o exemplo, colaborando ativamente no desenvolvimento.

Transporte e comunicação

O trabalho é imenso e necessita de meios adequados para o estabelecimento de um contato profundo entre as pessoas e as comunidades. Ora, é aqui que a Amazônia enfrenta uma das maiores dificuldades. Em uma região com densidade populacional de dois habitantes por quilômetro quadrado, o **transporte** se torna o primeiro desafio para se ir ao encontro dos

homens. O transporte fluvial é lento e de manutenção dispendiosa. Os bispos, em seu trabalho de equacionamento de soluções, puderam verificar que o transporte aéreo embora exija grande investimento inicial tem, no entanto, além de outras vantagens, custos de manutenção equivalente a apenas 20% da manutenção do transporte fluvial.

Todavia, o contato pessoal numa região tão grande e com problemas tão graves será sempre esporádico. Por isso o **rádio** foi apontado por todos como a resposta ideal no sentido de estabelecer um contato que facilita o trabalho educativo, duradouro e persistente. Seis das quinze prelazias já possuem rádio-emissoras, mas os bispos insistem no esforço coordenado para se obter amplidão regional e maior eficácia.

Os problemas de pessoal

Ao lado dos problemas de meios adequados estão os problemas de pessoal em número suficiente e com preparo adequado. A região toda conta com apenas duzentos sacerdotes dos quais um quarto trabalha na arquidiocese de Manaus. Nas prelazias, um padre deve atender a uma área média de 12 000 km². Os bispos vêem solução

para este aspecto do problema tanto em um número maior de sacerdotes, mesmo para serviço temporário, como numa distribuição mais racional de tarefas entre padres e leigos.

Mas, conscientes de que a necessária renovação pastoral não depende apenas de número, os bispos, padres e leigos empenhados neste trabalho estão sentindo toda a agudeza do problema: o pessoal não está bem preparado para as tarefas. E, analisando a presente situação, dizem no documento conjunto, o seguinte: "Muitos dos agentes pastorais da Amazônia Ocidental formaram-se não somente em outra época mas em outro ambiente. Muitas das responsabilidades pastorais que são obrigados a assumir não foram levadas em conta ao tempo e no lugar onde foram educados. Esta verdade se aplica tanto a bispos como a sacerdotes, religiosos e leigos; e todos o admitem".

Mas, fiéis a seu dever de buscar soluções, continuam: "Entretanto, a convicção de que a **pastoral** não pode mais ser considerada um privilégio e monopólio do clero, mas como o direito e o dever da comunidade cristã inteira, trouxe novas perspectivas para o problema da educação eclesial. Ora, se a comunidade toda partilha nas obrigações pastorais, todos participam no direito de ser adequadamente preparados para assumir suas específicas responsabilidades pastorais."

REGIONAL NORTE I



Amazônia Ocidental (Regional Norte I): bispos, padres, religiosos e leigos fizeram um esforço sério de mútuo entendimento visando atingir uma visão ampla dos problemas e dos caminhos da solução.

Para esta tarefa de formação, bispos e superiores religiosos estão empenhados na criação de um **Instituto Regional de Pastoral** que viria resolver em boa parte os problemas existentes.

Um outro obstáculo que se vai colocar por muito tempo ainda na região é o da **adaptação** do pessoal que vem do sul do país ou de outras nações. Por isso todos acham que uma das funções do Instituto Regional de Pastoral será a de assumir a responsabilidade da aculturação desses agentes pastorais. Dêsse modo, foram delineadas três áreas principais de treinamento:

— Aperfeiçoar-se na linguagem, como meio de comunicação e porque a língua encarna a cultura de um povo;

— Conhecer a cultura geral da região e do país, história, costumes, economia e sociologia;

— Adquirir os conhecimentos e técnicas que permitirão ao agente pastoral reconhecer os valores culturais específicos do grupo e da comunidade com os quais trabalha.

É assim que a Igreja da Amazônia Ocidental vê a situação atual e as perspectivas de solução. Contudo, o imenso trabalho a fazer está condicionado ao status de **prelazia**, isto é, de Igreja missionária que, por definição, ainda depende de outras Igrejas para levar adiante sua tarefa. Aqui, o documento situa a questão do seguinte modo: "De quem é que as prelazias dependem?"

— Da Igreja universal? As prelazias não estão oficialmente sob a autoridade e responsabilidade da Congregação da Evangelização dos Povos.

— Da Igreja nacional? A Igreja no Brasil ainda depende em grande parte de auxílios externos e, até o momento, não se organizou apoio algum às áreas missionárias da Igreja no país.

— Das congregações religiosas que fornecem pessoal às prelazias? Os limites das responsabilidades das congregações em relação às atividades pastorais das prelazias jamais foram nitidamente definidos. É preciso confessar que poucas congregações religiosas se encontram em condições, ou por experiência ou por sua estrutura interna, para arcar com a responsabilidade de construir uma Igreja hierárquica, uma diocese.

— Dos seus próprios recursos? Estes estão muito longe de serem adequados e o resultado aí está: as prelazias se tornam Igrejas mendicantes, sem apoio estável ou constante".

SEMPRE ALERTA



Na sua tarefa de transmitir a todos os povos a mensagem evangélica, a Igreja vem intensificando cada dia mais o seu esforço para aproveitar bem os novos meios que visam uma comunicação eficiente com os homens. Na mesma medida, de modo particular e constante, a Igreja se preocupa com a juventude.

Entretanto, é por demais conhecida a pobreza dos meios com as quais se pode contar para atingir a camada jovem da população. E isso especialmente no Brasil, onde mais da metade dos habitantes é constituída de jovens.

Angustiados com a situação, alguns sacerdotes e irmãos leigos buscaram contato mais direto com o mundo jovem e puderam, então, fazer a surpreendente descoberta dos meios pedagógicos do **movimento escoteiro**. Ao invés de criarem uma nova associação, procuraram inserir-se nele, obedecendo assim à linha evangélica da Encarnação.

O Escotismo é um método integral de educação da pessoa humana. Acompanha o indivíduo desde a infância (lobinhos) até a idade adulta (pioneiros). E tem como objetivo a formação

do caráter baseado na prática consciente e dinâmica da religião do escoteiro, e no espírito de serviço.

Dêsse modo, a fim de atualizar os métodos de educação escoteira, a **IX Reunião Nacional dos Assistentes Religiosos Católicos** congregou sacerdotes e irmãos leigos provindos — alguns com enorme sacrifício — de doze Estados. O encontro, que se realizou em São Paulo, no princípio deste ano, contou com a presença de trinta e seis assistentes. Sem dúvida, um número ínfimo comparado com os quarenta mil escoteiros que existem no país e com os milhões que poderiam existir. Na ocasião foram reformuladas principalmente as técnicas de formação religiosa que é, por exigência dos estatutos, muito intensiva.

Os responsáveis esperam que o desenvolvimento do escotismo possa tornar mais eficiente a pastoral da juventude. Esperam também que os encarregados da coordenação da pastoral da juventude nos órgãos superiores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e da Conferência dos Religiosos do Brasil encontrem no movimento escoteiro um dos meios aptos para se poder chegar ao mundo jovem.

PESQUISA CONTINENTAL

Durante o mês de março foi iniciada uma pesquisa em todos os países da América Latina sobre religiosos e religiosas, sobre as diferentes comunidades, obras e outros dados necessários para uma visão exata do potencial religioso e de sua situação na América Latina. O estudo é

patrocinado pela CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos) e está sendo realizado pelo SIDEAT (Serviço de Informação, Documentação, Estatística e Assistência Técnica), órgão do Secretariado Geral do CELAM. A Confederação Latino-

Americana de Religiosos poderá igualmente "estar em melhores condições para servir às Conferências Nacionais de Religiosos e ajudar na tarefa urgente de renovação da vida religiosa dentro do contexto latino-americano" (CLAR — Secretariado Geral).

Uma das principais finalidades da pesquisa é a busca dos caminhos mais adequados para integrar todo este dinamismo na pastoral de conjunto latino-americana. Com os dados em mãos,

Esta pesquisa está sendo realizada em duas partes: a parte sóciográfica e a parte sociológica. A parte sóciográfica visa descobrir a situação dos religiosos quanto ao número de comunidades, congregações, religiosos, nacionalidade, estilo de formação que recebem, distribuição do pessoal nas diversas áreas urbanas, rurais, operárias..., níveis sociais a que se dirige prioritariamente a ação dos religiosos, grau de estabilidade dos religiosos em suas congregações e comunidades locais, relações das congregações entre si, relações das Conferências de Religiosos com as Conferências de Bispos

O FAMOSO
CATECISMO
HOLANDES
AGORA
EM VERSÃO
VERNÁCULA

faça aqui o seu
pedido



A aceitação plena que o Novo Catecismo está encontrando em todos os meios do público brasileiro, vem atestar mais uma vez o juízo favorável de grandes teólogos e catequistas internacionais. Porque realmente "esse livro é, sob todo aspecto, um guia adequado para se compreender o significado da vida cristã no mundo de hoje".

PREÇO:
Brochura NCr\$ 22,00
Encadernado NCr\$ 28,00

"apresentando a beleza da revelação divina, é todo ele o mais eficaz e belo convite para crer"

mons. roberto m. roxo

uma edição herder

UM LANÇAMENTO DA



HERDER
EDITORA LIVRARIA LTDA.

PRAÇA D. JOSÉ GASPAR, 106 - 3ª SOBRELOJA, Nº 16
FONES: 36-8817 - 37-7871 - CAIXA POSTAL 7509 - SÃO PAULO

em função da pastoral de conjunto, os canais de comunicação entre as autoridades religiosas locais, provinciais e gerais, tipos de organização etc....

A segunda parte da pesquisa, a sociológica, procurará fundamentalmente obter a imagem que se tem da vida religiosa na América Latina, tanto de dentro como de fora da vida religiosa. Em vista deste objetivo, a investigação se realizará não só entre os religiosos, mas, abrangerá pessoas e ambientes-chaves de diversos setores, que possam avaliar a vida religiosa do exterior da mesma.

O estudo será realizado ao longo de todo este ano, mas, além deste estudo específico, existe ainda um projeto geral prevendo a organização e financiamento de órgãos permanentes de estatística junto às Conferências Nacionais, para uma constante atualização de dados.

TEOLOGIA DA VIDA RELIGIOSA

Na região Nordeste I (Maranhão, Piauí e Ceará), foi debatido, na última assembleia geral, o tema **teologia da vida religiosa**. Em suas grandes linhas traçadas por Dom Basílio Penido, o assunto se desenvolveu partindo da realidade do mundo atual e concluindo com a indicação de alguns pontos que poderiam ser objeto de uma reflexão capaz de aprofundar o sentido de tema.

Dada a extraordinária evolução da vida humana, há quem fale num fenômeno de **mutação** que está atingindo os próprios alicerces de nossa existência. O antropocentrismo que firmara suas bases no Renascimento e que constitui a grande característica do mundo atual, já mostrou o trágico do homem entregue a si mesmo. Entretanto, a oposição entre as duas maneiras de encarar o universo — a materialista e a espiritualista — está desaparecendo, porquanto na visão cristã o homem é visto como a maior e mais bela imagem de Deus. Em consequência, o que compete ao cristão, e particularmente ao religioso, é viver o sentido teocrático do antropocentrismo.

Dom Basílio salientou ainda que toda renovação para ser vá-

lida, deve ter como base o Evangelho. A essência da vida religiosa não está em suas estruturas e instituições, mas na vivência evangélica, que é totalmente centrada na caridade universal. Ora, a caridade, dentro da vida religiosa, explicita-se de modo absoluto no voto de castidade.

Concluindo, Dom Basílio assinalou como objeto de reflexão, os seguintes pontos: modificação na estrutura dos votos, acentuação do celibato como o **próprio** da vida religiosa, preocupação prioritária pela vida de comunidade, uma nova conceituação da "fuga ao mundo", e superação da dicotomia "vida ativa e vida contemplativa" pela acentuação desta, que tem na renovação bíblica um meio adequado.

PERIÓDICOS CATÓLICOS

Está marcado para maio próximo, dias 26 a 30, na cidade de São Paulo, o I Encontro Inter-regional de Diretores de Periódicos Católicos, o qual reunirá representantes das regiões Sul I (São Paulo), Centro-Oeste (Mato Grosso e Guajará-Mirim).

A idéia de se fazerem periodicamente essas reuniões nasceu do III Encontro Nacional de Opinião Pública, realizado no Rio em novembro de 1968, sob a presidência de Dom Avelar Brandão Vilela. A idéia não é nova, pois algo parecido já vinham fazendo os Diretores de Emissoras Católicas — só em 1968 três encontros com apreciável resultado.

O motivo de êsses encontros de diretores de periódicos católicos serem inter-regionais está no grande número das publicações atólicas (cêrca de 164).

Quanto aos objetivos em vista, o Secretariado Nacional de Opinião Pública, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, esclareceu: "O Secretariado Nacional não aspira, de modo nenhum, a orientar nem mesmo a coordenar as atividades dos periódicos católicos. Não nos parece ser esta sua missão. Queremos com êsses **encontros** dar a oportunidade aos Diretores, de se reunirem, debaterem e dialogarem entre si, buscando êles próprios a melhor maneira de encontrar uma colaboração que

se torna dia a dia mais indispensável para a Igreja no seu conjunto".

PARA VIVER O CONCÍLIO

O Concílio Vaticano II, com sua preocupação pastoral, tomando consciência tanto das necessidades fundamentais do homem de hoje como da posição que neste contexto está reservada à Igreja, apresentou novas estruturas eclesiais e humanas. E sobretudo insistiu na necessidade do **aggiornamento** e da renovação espiritual que deverá animar por dentro estas mesmas estruturas.

Está bastante claro que já se deu a passagem de um período prevalentemente individualista para outro em que a dimensão comunitária é uma exigência que cresce cada dia mais. Por isso é indispensável e urgente a renovação pessoal de cada um, com vistas a uma inserção profunda na comunidade cristã, o que exige conversão, comunidade de vida, assimilação harmoniosa de aspectos quase que opostos: personalismo e comunitarismo, responsabilidade de base e obediência, liberdade e educação da liberdade, humanismo e mortificação, ação e oração, oração particular e oração litúrgica, estima do matrimônio e da virgindade, compromisso terrestre e valores eternos, abertura para o progresso e fidelidade aos valores autênticos da tradição.

Neste quadro foi que nasceu a idéia de um Centro de Espiritualidade Pós-conciliar, sede de várias iniciativas e sobretudo de cursos suficientemente prolongados para preparar as pessoas no sentido acima indicado.

Os **cursos fundamentais** do Centro de Espiritualidade Pós-conciliar estão previstos, por enquanto, com a duração de dois meses e meio, e devem ser dados sucessivamente em diversos idiomas. Na medida do possível tais cursos se propõem a oferecer uma síntese completa e vital do Concílio, e a promover uma experiência religiosa vivida comunitariamente.